



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

Fabiano Silva da Cunha

**A extensão do LOGEPA e suas contribuições na formação em  
professor de Geografia**

João Pessoa

2019

**Fabiano Silva da Cunha**

**A extensão do LOGEPA e suas contribuições na formação inicial em  
professor de Geografia**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Geografia do Departamento de Geociências, da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para à obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Pinheiro.

João Pessoa  
2019

ANEXO 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA  
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE GEOGRAFIA

Resolução N.04/2016/CCG/CCEN/UFPB

PARECER DO TCC

Tendo em vista que o aluno (a)

☒ cumpriu ( ) não cumpriu os itens da avaliação do TCC previstos no artigo 25º da Resolução N. 04/2016/CCG/CCEN/UFPB somos de parecer ☒ favorável ( )  
desfavorável à aprovação do TCC intitulado:

A extensão do LOGEPA e suas contribuições  
na formação em professor de Geografia.

Nota final obtida: 9,0

João Pessoa, 25 de Abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA:

Professor Orientador

Professor Co- Orientador (Caso exista)

Membro Interno Obrigatório (Professor vinculado ao Curso)

Membro Interno ou Externo

**Catálogo na publicação Seção de Catalogação  
e Classificação**

C972e Cunha, Fabiano Silva da.

A extensão do LOGEPA e suas contribuições na formação  
em professor de Geografia / Fabiano Silva da Cunha. -  
João Pessoa, 2019.

65 f.

Orientação: Antonio Carlos Pinheiro.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCEN.

1. Educação Geográfica, Projeto de Extensão, Formação em  
professor, Práticas Educativas.

I. Antonio Carlos Pinheiro. II. Título.

UFPB/CCEN

*In memoriam* de Maria Severina, minha tia, que em vida sempre me incentivou a buscar o caminho da educação e acreditava que só assim conseguiríamos transformar nossa realidade.

## **Agradecimentos**

A Deus, aos Deuses e ao Universo que cuidaram da minha pessoa durante todo esse tempo.

Aos meus pais, que acreditam nas minhas escolhas. Sem a força deles eu não conseguiria entrar e permanecer nesse curso, Geografia. Vocês me apoiaram sem questionamentos sobre o que seria melhor no momento que eu decidir me dedicar aos estudos.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram ao meu lado e que me deram sobrinhos maravilhosos e me fazem querer ser uma pessoa melhor a cada dia.

Ao professor Antonio Carlos Pinheiro, que me convidou para participar do grupo de estudo GEPEG, que me ajudou e incentivou nessa trajetória. Você acreditou em mim e me deu todo o incentivo para chegar até aqui, quase no fim para fechar esse círculo acadêmico. Não foi fácil, sem sua ajuda seria ainda mais difícil. Eu vejo em você a força para mudar uma realidade que nos esmagada todos os dias.

A todos os participantes do grupo GEPEG, que me fizeram compreender essa complexidade e a responsabilidade que é ser professor de Geografia.

Aos envolvidos no projeto PIBID, desde docentes, discentes e professor da escola, nesse período muito aprendi e construí amizades que vão está comigo por muito tempo.

As professoras Christianne da Silva Moura e Eliane Souza da Silva que aceitaram o convite para fazer parte da banca examinadora desse trabalho e acrescentar ainda mais nessa parte da minha vida acadêmica.

Ao Eduardo Souza Falcão, que na última semana reservou parte do seu tempo para ler esse trabalho e pacientemente me ajudou no que foi preciso, passamos horas lendo, reescrevendo, rindo e tentando entender o que eu queria dizer.

A minha tia Nilda, que apesar de tia parece mais minha mãe, por todas as conversas sobre o quanto devemos nos divertir, com todos os cuidados é claro.

A minha prima Betinha, se chateia com os meus pedidos de socorro, mesmo quando já passaram das 00h00minhrs. E por todas as palavras de compreensão quando foi necessário.

Aos meus amigos de turma, em especial Virna, Inaê, Thaís, Anny, David, todos de certa forma, contribuíram para chegarmos até o fim do curso juntos com muita resenha e estudos, é claro.

Ao meu amigo Gabriel Nobrega, que desde que nos tornamos amigos tem me feito

todo tipo de vergonha, eu nunca vou esquecer esses dias, dos bons e dos vergonhosos. Porém em dias pesados tua amizade traz certa leveza.

Ao meu Diego Alan, cara você pra mim é sinônimo de força. Foi uma sorte minha ter estudado na sua turma. Tu sempre me incentivaste em todos os aspectos quando achei que não seria capaz.

Aos meus amigos da loja Thiago Calçados. Prefiro não citar nomes, pois, são muitos e vocês me ajudaram na minha formação profissional e durante anos vivemos momentos que fortaleceram esses laços de amizade e que estão comigo ate hoje mesmo depois da separação profissional. Muitos de vocês sempre me mostravam outros caminhos, outras oportunidades. Eu sempre vou acreditar em vocês. Vocês são capazes de coisas incríveis.

Aos meus companheiros do Projeto de Extensão, todos vocês são importante para mim. São vários momentos juntos e claro muitos risos, muita militância, muita vontade de fazer melhor, muitas ideias foram tantas, que parecia que nós não daríamos conta, porém, não desistimos e nem deixamos de acreditar no potencial do nosso projeto.

Eu vou ser sempre grato a vocês e a outras pessoas que não foram citadas, mas, não menos importantes.

Muito obrigado todo (a)s.

## RESUMO

Com um patrimônio de uma maquete do Estado da Paraíba de quase cinco metros de comprimento e vários outros recursos didáticos disponíveis ao acesso universitário e comunitário, o Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba (LOGEPA) constitui um espaço para o fortalecimento da educação geográfica. Nessa pesquisa buscamos compreender as contribuições do projeto de extensão “Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza na Paraíba” realizado no LOGEPA, no campus I da Universidade Federal da Paraíba, do ano de 2018. Apresentando como objetivo geral compreender as contribuições através desse projeto na formação inicial em professor de Geografia. O trabalho é de caráter qualitativo, no qual utilizamos a pesquisa participante. Para esse tipo de pesquisa a participação do pesquisador também contribui na análise da eficácia das práticas educativas realizadas nas oficinas de educação geográfica, e uma melhor compreensão de nossas práticas. Realizamos uma entrevista semiestruturada, com 3 participantes, do curso de Geografia e 1 participante, do curso de Pedagogia, onde a mesma foi filmada e depois transcrita para análise e contextualização das contribuições do projeto “Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza na Paraíba”. Ao contextualizar as respostas obtidas, com base em autores que estudam a extensão universitária, consideramos que a troca de conhecimentos contribui na aproximação entre, escola, comunidade e universidade, fortalecendo a relação, teoria e prática. Logo essas atividades ajudam esses participantes terem mais autonomia na sua formação em professor, superando alguns desafios ainda existentes na atualidade.

**Palavras-chave:** Educação Geográfica, Projeto de Extensão, Formação em Professor, Práticas educativas.



## ABSTRACT

With a patrimony of a model of the State of Paraíba of almost five meters in length and several other didactic resources available to the university and community access, the Laboratory and Workshop of Geography of Paraíba (LOGEPA) constitutes a space for the strengthening of geographic education. In this research, we sought to understand the contributions of the extension project "From the Coast to the Sertão: Society and Nature in Paraíba", held at LOGEPA, in the I campus of the Federal University of Paraíba, in 2018. The project's main goal was to comprehend the contributions of the extension project in the foundation of Geography teachers. This is a qualitative work, in which we use participant research. For this type of research the researcher's participation also contributes to the analysis of the effectiveness of the educational practices carried out in the geographic education workshops, and a better understanding of our practices. We conducted a semistructured interview with 3 participants from the Geography course and 1 participant from the Pedagogy course, where it was recorded and then transcribed for analysis and contextualization of the contributions of the project "From the Coast to the Sertão: Society and Nature in Paraíba". In contextualizing the answers obtained, based on authors who study the university extension, we consider that the exchange of knowledge contributes in the approximation between, school, community and university, strengthening the relation, theory and practice. Therefore these activities help these participants to be more autonomous in their teacher training, overcoming some current challenges..

**Keywords:** Geographic Education, Extension Project, Teacher Training, Educational Practices.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Fluxograma do Curso de licenciatura de Geografia.....	28
Figura 2: LOGEPA antes do projeto ‘Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza Paraíba.. .....	34
Figura 3: LOGEPA organizado e aberto à visitação .....	35
Figura 4: Maquete do Estado da Paraíba, no LOGEPA .....	36
Figura 5: Xilogravuras e cordel nas oficinas do projeto.....	39
Figura 6: Gráfico do projeto ‘Conhecendo a Paraíba: articulando saberes do campo e da cidade, 2007’’. .....	46
Figura 7: Atividades realizadas no LOGEPA de maio a dezembro de 2018 .....	47

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

CCEN – Centro de Ciências Exatas e da Natureza

CLIMAGEO– Laboratório de Climatologia Geográfica

DGEOC – Departamento de Geociências

ENG – Encontro Nacional de Geógrafos

ENEX – Encontro de Extensão

FORPROEX – Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas

IES – Instituto de Ensino Superior

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PRAC – Pró-reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

LOGEPA– Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba

PROBEX – Programa de Bolsas de Extensão

PROLICEN – Programa de Licenciatura

GEPEG – Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica

LAESA – Laboratório de Climatologia Geográfica

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1 METODOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
1.1 Procedimentos Metodológicos.....	17
1.1.1 Levantamento Bibliográfico .....	17
1.1.2 Observação .....	17
1.1.3 Registro Fotográfico e Filmagem das Oficinas .....	18
1.1.4 Entrevista Semiestruturada .....	18
<b>CAPÍTULO 2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 3 DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 4 O LOGEPA E O PROJETO DE EXTENSÃO – DO LITORAL AO SERTÃO: SOCIEDADE E NATUREZA NA PARAÍBA – 2018. ....</b>	<b>30</b>
4.1 Práticas Educativas no Projeto de Extensão do LOGEPA -2018 .....	37
<b>5 RESULTADOS: ANÁLISE DA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES DO PROJETO “DO LITORAL AO SERTÃO: SOCIEDADE E NATUREZA NA PARAÍBA. ....</b>	<b>40</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>58</b>

## INTRODUÇÃO

Hoje a diversidade sociocultural é um discurso presente nas instituições de ensino. Muitos concordam que o processo de ensino-aprendizagem de cada sujeito acontece de maneira diferenciada conforme expectativas e experiências particulares. É nessa perspectiva que as modalidades de educação se fundem, mesmo com a aparente homogeneização dos processos sociais e didático-pedagógicos que cabem a cada uma delas. O ensino da Geografia da Paraíba ao considerar a diversidade e heterogeneidade de todos os fenômenos e suas articulações, poderá favorecer a intercomunicação entre os diferentes saberes: as concepções dos estudantes e as práticas dos professores incluindo as pesquisas científicas no âmbito acadêmico, estabelecendo um diálogo entre a Geografia acadêmica, a Geografia escolar e o conhecimento popular.

A participação no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (GEPEG), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), possibilitou compreender melhor os desafios sobre formação de professores de Geografia.

A experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 2016 a 2018 acompanhando o professor da Escola Professora Olivina Olivia também corroborou no interesse sobre os saberes e práticas do professor.

Minha colaboração no Projeto<sup>1</sup> de Extensão estimulou mais a necessidade de analisar as contribuições da Extensão Universitária na formação inicial em professor de Geografia.

As práticas realizadas no LOGEPA levantaram o questionamento: se realmente essas as ações Projeto “Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza na Paraíba” estariam contribuindo positivamente para formação em professor de Geografia?

O tema de pesquisa, ao qual investigamos de acordo com Melo (2014) é importante, principalmente, quando conseguimos aprender e construir conhecimentos com a comunidade e não apenas transmiti-los o que é produzido na academia. O contexto assistencialista da extensão universitária no Brasil é marcado pelas contribuições e transformações para comunidade decorrente das ações desse Programa<sup>2</sup>. Dessa maneira o trabalho desenvolvido

---

<sup>1</sup> De acordo com o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2007, o Projeto é classificado como ação processual continua de caráter educativo, social, cultural, científico ou tecnológico com o objetivo de específico e prazo determinado. O projeto pode está vinculado a um programa ou ser registrado como projeto sem vínculo

<sup>2</sup> De acordo com o Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2007 o Programa é um conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão (cursos, eventos, prestação de serviços), preferencialmente interligados as ações de extensão, pesquisa e ensino.

pelos Participantes do Projeto<sup>3</sup> de Extensão do LOGEPA é questionado pela pesquisa, no sentido de sua relevância para a formação inicial do professor de Geografia. Uma vez que a extensão universitária ainda é pouco compreendida como um meio de incentivo à prática da docência e qualificação profissional, em razão de ser vista como uma transmissão de conhecimentos produzidos dentro da Universidade para a Comunidade.

Percebida essa problemática a pesquisa tem por objetivo geral compreender as contribuições através do projeto de extensão realizado no LOGEPA: “Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza na Paraíba” na formação inicial em professor de Geografia e como objetivos específicos, entender os desafios na formação do professor, investigar a importância do espaço do LOGEPA para a universidade e para a comunidade e validar as práticas educativas realizadas nas oficinas no LOGEPA.

Quanto à estrutura deste trabalho o primeiro capítulo tem por objetivo apresentar teoricamente alguns pontos históricos e conceituar a extensão universitária no Brasil, destacando sua importância para os que fazem parte da universidade e a comunidade no que diz respeito à construção de conhecimento. Teoricamente esse capítulo fundamenta-se em ideias de autores que trazem contribuições sobre a extensão universitária como Síveres (2013), Tavares (1997), Silva (2003), Fórum de Pró-Reitores das Universidades Públicas (FORPROEX) (2007) concordam que a extensão universitária é um elo entre a Universidade e a comunidade, em que ambas poderão produzir conhecimentos que transformarão os sujeitos envolvidos, possibilitando transformação social, profissional e cidadã.

No segundo capítulo, destacamos a importância do projeto de extensão do LOGEPA utilizando-o como meio de produção de conhecimentos geográficos e material didático-pedagógico para o aperfeiçoamento do ensino de Geografia, especificamente Geografia da Paraíba. Destacamos também a importância do laboratório que através de duas décadas objetiva contribuir e fortalecer os pilares: ensino, pesquisa e extensão, da Universidade. Essa contribuição se dá através das oficinas dos Participantes do Projeto, assim também achamos necessário entender as práticas produzidas nesse espaço.

Repensando no universo educacional, considera-se que a formação sócio-histórico-cultural dos indivíduos resulta de um conjunto global de influências, envolvendo as representações socioculturais, somadas aos conteúdos e formas praticadas na educação informal, formal e não formal. Assim, para esse estudo optamos escolher, para ações desses

---

<sup>3</sup> Nesse trabalho utilizaremos o termo, Participantes do Projeto, para: bolsistas, voluntários e colaboradores que realizam as Oficinas de Geografia da Paraíba no LOGEPA.

participantes, o termo Práticas Educativas. Trabalhamos com Freire (1996), Ferreira (2001), Bandeira e Ibiapina (2014) entre outros autores que justificam e concordam que a transformação social pode ser fomentada por meio da educação.

No terceiro capítulo, contextualizamos alguns dos desafios na formação de professores de Geografia, considerando um assunto de extrema importância no que diz respeito às práticas educativas realizadas pelos Participantes do Projeto em sua futura vida profissional. Assim recorremos aos autores: Pereira (1999), Cavalcanti (2010), Gatti (2014), entre outros, que dedicam sua trajetória ao ensino de Geografia, e nos processos para a formação desses professores.

Apresentamos no quarto capítulo os procedimentos metodológicos escolhidos para realização da pesquisa, sendo de caráter qualitativo, utilizamos os aspectos da pesquisa participante, na qual, a presença do observador tem como objetivo, realizar uma investigação acadêmica, estando em contato direto com os sujeitos pesquisados. Também foi utilizado entrevista semiestruturada como coleta de dados.

No quinto capítulo apresentamos os resultados desta pesquisa, assim, esperamos contribuir com as discussões sobre o auxílio do projeto de extensão na formação de professores de Geografia, desse modo, temos a intenção de apresentar os benefícios desse tipo de ação, bem como os desafios nessa formação.

## 1 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com 4 estudantes da graduação, sendo 3 do curso de Geografia e 1 do curso de Pedagogia. Sendo de caráter qualitativo e com base na pesquisa participante. A escolha da abordagem qualitativa e da pesquisa participante está ligada à investigação a ser realizada, tendo em vista a duração do projeto do LOGEPA e as atividades realizadas pelos participantes a partir da extensão universitária. Para a realização desse estudo primeiramente foi solicitado para o coordenador do LOGEPA e do projeto de extensão a autorização para a pesquisa (Anexo I).

A pesquisa participante oferece elementos para a verificação da eficácia das práticas realizadas no laboratório, identificando as relações dinâmicas entre o mundo real, objetivo, concreto e os sujeitos envolvidos. Por tanto, o pesquisador estará participando das atividades realizadas pelo o grupo do programa de extensão.

A pesquisa participante deve incidir tanto no sentido dialógico-constructivo da atividade da pesquisa- que passa a se permitir a intervenção e transformação coletivizadas- quanto numa ruptura epistemológica- rumo à pluralidade dos saberes negado historicamente na construção do conhecimento científico (ITABORAHY, 2013, p.5).

Assim, permitindo não só um melhor entendimento do grupo pesquisado como uma melhor compreensão de nós mesmos. Tornando-se um dos vários caminhos que o pesquisador pode seguir em sua investigação. Esse tipo de pesquisa situa-se entre as diversas práticas de investigação que primam pela presença do sujeito-pesquisador nas problematizações construídas. A sua presença explora e ressalta não só as experiências e percepções dos diversos sujeitos envolvidos no campo, mas também no sentido de transformar a realidade a partir das inquietações.

De acordo com Demo (1982) esse tipo de pesquisa motiva a população pesquisada, pois, a mesma também construirá conhecimentos e intervirá na própria realidade, a participação no projeto de extensão, construindo oficinas, participando dos eventos do PROBEX-UFPB e das reuniões do Projeto ajuda a transformar e a construir esses conhecimentos.

Assim, podemos afirmar que com tantas ferramentas dispostas para a Pesquisa Participante, a mesma também exige à participação no processo de investigação, porém de um modo particular. De acordo com Itaborahy (2013), esse tipo de pesquisa deve refletir tanto no sentido dialógico-constructivo como da atividade – permitindo a intervenção e a transformação



coletiva – quanto epistemológica – rumo a pluralidade dos saberes negados por muitos anos, pelos saberes científicos.

Para Faermam (2014) existem variedades de ferramentas disponíveis para a coleta de informações, como a entrevista, a observação, o grupo focal, a história de vida ou história oral, todas tem suas particularidades e são formas de aproximar o pesquisador do que vai ser investigado ou na construção dos conhecimentos sobre o determinado fenômeno.

Desse modo, tais ferramentas exigem a participação das pesquisadas nesse processo de investigação, indo de encontro com a realidade social, com as experiências, cultura e modo de vida dessas pessoas, havendo uma aproximação entre sujeito e objeto.

## 1.1 Procedimentos Metodológicos

Para realização desse trabalho foi utilizado os seguintes instrumentos metodológicos: levantamento do referencial teórico sobre os temas relacionados à pesquisa, documentos referentes ao laboratório, observações de forma direta a fim da coleta de dados, fotografias e gravações das oficinas de Geografia da Paraíba e por último uma entrevista semiestruturada com os quatros Participantes do projeto de extensão do LOGEPA, 2018.

### 1.1.1 Levantamento Bibliográfico

Realizamos um levantamento bibliográfico para auxiliar na fundamentação teórica e com isso ajudar no entendimento e reflexão sobre o problema levantado na pesquisa. Assim, recorreremos à leitura de livros, artigos, periódicos e acesso a sites, como o da UFPB, Buscador Coruja, entre outros.

### 1.1.2 Observação

Para Kaiser (2006) com a pesquisa de campo desejamos chegar ao cerne da realidade para coletar elementos necessários à análise e a explicação do fenômeno. Portanto, deveremos como pesquisador mergulhar nas forças e nas relações de produção, explorando os níveis, ideológico, político e cultural da dinâmica social. A experiência de ser um agente participante da pesquisa auxiliará a identificar as vias que ajudaram a entender os problemas e caminhos a seguir.

Lakatos (2003) e Minayo (2009) ressaltam que a observação é uma fonte rica para o levantamento de dados, desta forma, a observação participante é essencial para o trabalho de campo e foi realizada de março a dezembro de 2018 pelo pesquisador, estando como voluntário no projeto “Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza” na Paraíba e depois bolsista. As observações, realizadas *in loco* pelo pesquisador, possibilitaram os registros e reflexão das atividades, além de servirem como base para as interpretações das respostas dos participantes ao serem entrevistados.

Nesse mesmo sentido Lakatos (2003) afirma que a observação participante consiste a participação real do pesquisador junto à comunidade ou grupo. Incorporando-se ao grupo de tal maneira que ele poderá ser confundido como membro comum, sem fins de pesquisa. Ainda revela que esse modo de observação não é nada fácil e é preciso muito foco e objetivo para não confundir os rumos da pesquisa. O pensamento de Laville e Dionne (1999) nos alerta que para esse tipo de procedimento o pesquisador deve estar bem atento a tudo o que diz respeito a seu estudo e não simplesmente selecionar o que lhe é conveniente. Assim, nos informa sobre dois modos de prática na observação: a participação natural onde o observador pertence à mesma comunidade ou grupo que vai ser realizado o estudo e o segundo modo será o artificial, aqui, o intuito seria apenas estar entrosado com o objetivo de colher informações.

### 1.1.3 Registro Fotográfico e Filmagem das Oficinas

A primeira filmagem ocorreu na oficina realizada pela Professora Emilia de Rodat Fernandes Moreira no XIX Encontro Nacional de Geógrafos (ENG) 2018, no LOGEPA para fins de coletar de informações perdidas ao logo desse tempo e as fotografias registradas em todas as oficinas contribuirão na criação do arquivo do laboratório e com isso poderá ser utilizadas em futuras publicações sobre práticas educativas e ações da extensão universitária. A segunda filmagem ocorreu na entrevista semiestruturada com os participantes do projeto.

### 1.1.4 Entrevista Semiestruturada

A entrevista semiestrutura (Anexo II) foi realizada no dia 25 de janeiro de 2019, com os quatros participantes do projeto, a fim de análise e interpretação das respostas com auxílio da fundamentação teórica adotada. Os participantes responderam 8 perguntas e no trabalho estão sendo utilizadas 3 perguntas, que consideramos mais relevantes na concepção da pesquisa.

Os participantes dessa pesquisa são 3 estudantes da Graduação de Geografia e 1 da Pedagogia, que desenvolvem ações no projeto de extensão: “Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza na Paraíba”, no CCEN, UFPB, Campus I.

Ao fazerem parte dessa pesquisa os estudantes deveriam estar participando das ações e reuniões do projeto de extensão: “Do Litoral ao Sertão – Sociedade e Natureza na Paraíba”, 2018. A participação foi voluntária e não ofereceu nenhum perigo ou prejuízo moral, visto que eles poderiam se negar a participarem da entrevista ou desistirem a qualquer momento nesse processo.

Ao aceitarem, esses Participantes do Projeto responderam separadamente uma entrevista semiestruturada, filmada com uma câmera fotográfica, com a duração não determinada. Foi proposto o sigilo e sua privacidade na pesquisa, porém os mesmos se dispuseram a serem reconhecidos, por se reconhecerem em meio à temática importante para a formação durante o curso, pessoal e inicial como professor de Geografia. Perante essa situação, foi proposto um termo de consentimento (Anexo III). Se ocorresse algum desconforto com a proposta e com as perguntas feitas pelo pesquisador, eles eram livres para não assinarem ou responderem.

Diante disso, alertamos que não devemos ficar presos exclusivamente ao um ponto de vista. Estamos trabalhando com um grupo de universitários que estão exercendo uma prática através da extensão universitária. Com o recebimento de outros cursos e da comunidade, estamos lidando com mais questões do que podemos imaginar. O LOGEPA é um espaço plural, vivo – pois ainda exerce sua atividade pelos projetos de extensão- e complexo e em movimento, uma vez que já passaram pessoas de várias cidades, assim levando consigo conhecimentos adquiridos naquele espaço. Uma série de relações acontece com esse projeto de extensão e devemos através da participação no projeto atentar não apenas para as contribuições da extensão universitária na formação do professor de geografia. Portanto, nosso olhar geográfico deve ser atento à pluralidade que flui ali.

## **CAPÍTULO 2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL**

Na sociedade capitalista em que vivemos, o ensino da Geografia escolar enfrenta crises que afetam as instituições de ensino, inclusive os programas e projeto das universidades federais que objetivam melhorar a construção do conhecimento científico. Isso vem sendo um reflexo de todo processo histórico da educação brasileira e que nos últimos anos tem se intensificado.

A origem da extensão universitária está intimamente ligada às propostas alternativas das próprias universidades, que incluíram as causas muito amplas da população. A complexidade da vida moderna exige estudos mais elevados, oriundos das universidades, às quais uma pequena elite tinha acesso.

Segundo Carbonari (2007), no Brasil algumas experiências acerca da extensão universitária tiveram início por volta de 1911 e 1917. Essas primeiras experiências se deram através de conferências e semanas abertas ao público, onde eram trabalhados vários temas ligados às problemáticas sociais bem como políticas da época.

Segundo o FORPROEX (2007), os primeiros registros oficiais sobre extensão universitária aparecem no Estatuto da Universidade Brasileira / Decreto-Lei nº 19.851, de 1931 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4.024, de 1961, concentrado na modalidade de transmissão de conhecimento e assistência, contudo, o período do golpe militar de 1964 teve um grande impacto na construção democrática da nossa nação. Tempos em que direitos sociais de grande parte da população brasileira foram reprimidos, inclusive em todos os níveis da educação. O Decreto-Lei nº 477, de 26 de Fevereiro de 1969, define infrações disciplinares praticadas e punições para professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particular. Um ato em discordância com a educação, com duras punições para quem descumprisse as regras da Ditadura.

De acordo com Silva (2003) e Paula (2013), as universidades federais tiveram um importante papel para resistir ao golpe, exercendo um magistério crítico e em muitas instituições a extensão ainda hoje é uma iniciativa isolada de professores, uma demonstração de ativismo e militância política. Um momento que o país teve inúmeros prejuízos, porém, muitos se mantiveram firmes e continuaram na oposição daquele período ditatorial.

Com a repreensão à universidade e seus estudantes, os mesmos, tiveram um importante papel para a não privatização. Pensar o mundo e suas relações de um modo mais crítico era tratado como crime. O ensino, os saberes e todas as ações universitárias que não

iam de encontro com o regime do governo ficaram ameaçados. Com a revogação do AI-5<sup>4</sup> em dezembro de 1978 movimentos formularam propostas para a organização de um sistema nacional de ensino mais democrático.

Em 5 de outubro com a promulgação da Constituição de 1988, fica garantido no artigo 207 que as universidades têm autonomia didático-científica, administrativa e da gestão financeira e patrimonial e obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Na década de 1980 a extensão ganha um caráter mais formal. Nesse mesmo período, pós-ditadura, a extensão segundo Paula (2013), ganha três novos elencos de demandas, destacando os três como: 1- as decorrentes do avanço dos movimentos sociais rurais e urbanos; 2- as que expressam o surgimento de novos sujeitos e direitos, que ampliam o conceito de cidadania; e 3- as demandas no setor produtivo nos campos de tecnologia e da prestação de serviços.

Essas três etapas ocorreram no período de redemocratização do país. Assim, esse momento foi importante à criação do FORPROEX. Em 1987 foi realizado na Universidade de Brasília, o I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, estavam presentes 33 universidades públicas. Nesse primeiro momento foram discutidos conceitos para a extensão, institucionalização e financiamento para o programa. Ocasão em que a sociedade civil começava a se fortalecer pós-ditadura militar, a discutir novos paradigmas para a universidade brasileira e o papel da extensão. Com grande importância para as Universidades, ela nem sempre foi reconhecida como deveria.

Segundo Carbonari (2007) e Pereira (1999), as discussões em torno desse assunto buscavam uma precisão maior para o conceito de extensão, buscando organiza-la em um órgão próprio nos Instituto de Ensino Superior (IES), com articulação para o orçamento próprio.

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação de 1996, o ensino superior deve desenvolver atividades de extensão respeitando os requisitos por cada instituição, assim, os IES deverão investir e incentivar a Extensão Universitária, controlando suas políticas. Já no art. 43 – VI, nota-se como missão da educação superior: “estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente em particular os nacionais e regionais, bem como prestar

---

<sup>4</sup> Ato Institucional nº 5, de 13 de Dezembro de 1968: São mantidas a Constituição de 24 de janeiro de 1967 e as Constituições Estaduais; O Presidente da República poderá decretar a intervenção nos estados e municípios, sem as limitações previstas na Constituição, suspender os direitos políticos de quaisquer cidadãos pelo prazo de 10 anos e cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, e dá outras providências.

serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta, uma relação de reciprocidade''. Outro ponto importante no art. 43 é inclusão da possibilidade de apoio financeiro para os participantes da extensão.

De acordo com Cabral (2001), essa concepção de extensão como uma prestação de serviços gerais, de natureza social ou técnica, veio com o modelo norte-americano, e a partir dele, vieram outras ideias e a preocupação com a institucionalização da extensão universitária. Esse modelo baseado na preocupação social fortalece um dos objetivos dos projetos de extensão que é o contato maior com a comunidade.

Para Tavares (1997), a extensão é o próprio ensino e pesquisa desenvolvidos dentro de uma concepção político-metodológica que privilegia as necessidades da comunidade. É um conhecimento científico que chega para as classes menos favorecidas em prol de suas necessidades, criando condições de qualificação dessa população ao se elaborar conhecimento acessível a todos os membros e não apenas a uma hegemonia cultural e econômica, ou seja, a extensão passa a articular a pesquisa e o ensino com as demandas e as necessidades de setores populares da sociedade.

Seguindo esse raciocínio o FORPROEX (2007), conceituam a extensão como:

A extensão universitária é o processo educativo que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão dupla com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará na sociedade a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes terão um aprendizado que submetido á reflexão teórica, seria acrescido aquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmico e popular terá como consequência a mudança de conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atenção da universidade. (FORPROEX, 2007. P.12).

Esse conceito sobre a extensão universitária assumida pelo FORPROEX, expressa a postura da universidade diante a comunidade que ela está inserida. Cumprindo sua função básica de compartilhamento dos conhecimentos produzidos por ela, possibilitando ações coletivas e transformadoras da realidade de ambos.

De acordo com Freire (1983), para a transformação, as pessoas não podem ser objetos da ação dos realizadores dos projetos de extensão, pois as pessoas são agentes de transformação como os executores do projeto. Se ambos não forem agentes de transformação, os mesmos estarão sendo conduzidos, manipulados e domesticados. Nesse sentido, o objetivo da Educação Geográfica não somente é o de transmitir os conhecimentos produzidos pela universidade, mas, também, construir, produzir e fortalecer o ensino de Geografia.

De acordo com Melo (2014), a extensão só tem sentido quando se busca não apenas repassar esse conhecimento como também absorvê-lo. Dessa forma o trabalho dos Participantes do projeto não se esgotará com o domínio da técnica, assim, contribuindo com a organização da comunidade e da própria universidade, em uma perspectiva de uma aprendizagem mútua de formação profissional e cidadã.

A experiência com os projetos, a relação com a comunidade, com escola e com a universidade situa a extensão em interação do ensino-pesquisa. Assim, Silva destaca.

(...) é de longo tempo que a compreensão de que a universidade deveria promover mais a extensão do saber por ela produzido. O ensino foi sua função primeira, passando, posteriormente, para a pesquisa e, somente nos últimos tempos, foi-lhe acrescida à função de extensão. Isto é, se o ensino é algo *sui generis* e a pesquisa uma identidade conquistada para uma instituição produtora de conhecimento (com seu caráter específico, portanto), compreende-se, agora, que essas duas funções devam apresentar capacidades de serem estendidas a um público que se encontra além dos seus muros. É esse ‘lado comunicativo’ do saber, presente no ensino e na pesquisa, que se pode, idealmente, chamar de extensão universitária. No entanto, ela parece ser muito mais do que isso: uma terceira função da universidade e, inclusive, muitos definem de que ela deva ser ‘paradigma’ da instituição universitária. (SILVA, 2003, p. 18).

Para Síveres (2013), a universidade, por meio desse programa pode promover experiências variadas, contatar realidades distintas e propiciar a participação em projetos sociocomunitários, onde contribuirá para diferenciadas formas de aprendizagem. A abertura das universidades para a extensão universitária a coloca em um universo mais dinâmico uma vez, que a realização das atividades da extensão é geralmente é direcionadas para público não acadêmico.

Outra iniciativa importante para a extensão universitária no Brasil foi à criação do Plano Nacional de Extensão, elaborado pelo FORPROEX, em 1998, coincidindo com os anos de criação do LOGEPA. O plano traz algumas diretrizes que estão presentes em todas as ações da extensão: Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade, Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, Impacto na Formação do Estudante e Impacto e Transformação Social.

Assim, no início da década de 2000, a Extensão Universitária já havia adquirido significativa densidade institucional, no que se refere à Constituição de 1988, à legislação federal e às regulamentações do FORPROEX. Estava superada a concepção de que a Extensão Universitária seria simplesmente um conjunto de processos de disseminação de conhecimentos acadêmicos por meio de cursos, conferências ou seminários; de prestações de serviços, tais como assistências, assessorias e consultorias; ou de difusão de conhecimento e cultura por meio de eventos diversos e divulgação de produtos artísticos. (FORPROEX, 2012).

Dessa forma a extensão torna-se um meio para democratização do conhecimento da qual uma grande parte da sociedade ainda não tem acesso. Assim, são muitos os percalços para a transformação social por meio das atividades de extensão, porém, muito já foi alcançado, graças a não desistência dos que acreditam na democratização do conhecimento para todos, e por meio dele na transformação dos que mais necessitam. Temos que aproveitar ao máximo, o pouco que as políticas públicas nos oferecem em relação à educação, e isso tudo depende do fortalecimento da Universidade e das ações desse tipo de Programa.

Por fim, os autores citados nesse capítulo evidenciam a importância desse programa para a universidade e comunidade. Também defendem, verdadeiramente, que ela é um dos pilares importantes da academia e com isso muito trabalho há de ser feito para alcançar os objetivos em termos de produção, ações e reconhecimento.



### **CAPÍTULO 3 DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA**

Nesse capítulo apontamos alguns desafios na formação em professor de Geografia, apresentando o papel de alguns programas e seus impactos na profissionalização desses universitários.

O quadro atual de muitas escolas públicas, no Brasil, não deixa dúvidas que o professor necessita ter uma base sólida para desempenhar posições, atividades e trabalhos diante das situações de precariedade da rede pública de ensino. Assim, não é difícil encontrar discentes da licenciatura em Geografia que não se identificam com a área de educação geográfica. Portanto, tencionamos buscar meios e recursos para aprimorar e fortalecer o curso desses futuros professores, valorizando sua trajetória e as condições de trabalho.

Nesse contexto, cabe questionar: como melhorar essa formação para que no futuro estejam preparados para a realidade profissional?

Acreditamos na importância dos projetos que coloquem os universitários diretamente na prática, tornando-se um dos caminhos que fortalece a aprendizagem dos conteúdos do curso.

Para formação inicial de professores, os projetos encontram-se apoiados em políticas existentes, que são comumente voltadas para a formação continuada de professores, os mesmos, já exercem a docência profissionalmente. De acordo com Azambuja e Callai (1998) existem adversidades da relação estudante, universidade e escola, onde os cursos de formação de professores estão sendo realizados cada vez mais com menos números de interessados.

De acordo com Ferreira (2018) a Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PRAC) da UFPB no ano de 2018, disponibilizou 600 bolsas no valor mensal de R\$ 400,00, das quais 34 serão destinadas aos Projetos das assessorias de Extensão dos Centros de Ensino e 16 para Projetos estratégicos de Extensão da PRAC. As demais 550 bolsas serão distribuídas de acordo com a classificação obtida pelas propostas no processo de seleção. O número de bolsas para cada Projeto inscrito é pouquíssimo em relação à quantidade de universitários do Campus I da UFPB.

O pequeno número de bolsas contribui para a desistência de alguns discentes não participarem de projetos. A remuneração - ajuda financeira - da bolsa contribuirá para que os participantes desenvolvam trabalhos acadêmicos, sua participação em eventos fora de sua instituição, alimentação, transporte, produção de materiais didáticos e um convívio com a comunidade, ainda podendo servir para auxiliar estudantes que tenha dificuldades de aprendizagem.

Portanto, os cortes em relação ao orçamento das Universidades Federais de todo o Brasil, afetará drasticamente todos os projetos, de extensão e pesquisa, realizados nessas instituições.

Para Cavalcanti (2017), projetos de formação de professores devem ter como objetivo a conquista da autonomia intelectual e o desenvolvimento da capacidade de articulação dos conhecimentos da ciência com suas atividades da vida profissional, portanto, a participação em Projetos ajudará em outros nesses aspectos da vida dos universitários.

São vários aspectos que podemos analisar e contextualizar na formação inicial dos professores de Geografia, Cavalcanti (2017) afirma, que para, essa função é preciso saber pensar a geografia e saber interpretar os conhecimentos produzidos por ela, tanto no passado como na atualidade. Isso que dizer que através dos conhecimentos geográficos aprendidos o professor poderá interpretar fenômenos ocorridos em qualquer parte do mundo, assim poderá contextualizar esse fenômeno com situações ocorridas na realidade local dos estudantes, essa interpretação muitas vezes é adquirida com atividades práticas.

De acordo com Pereira (1999), o formato 3 + 1, em que, as disciplinas são fornecidas separadas, teoria e prática, com percentuais diferentes em relação à prática pedagógica, isso, pode proporcionar uma valorização do domínio de conteúdos científicos e uma carência na prática em si, assim, por vezes o modelo das licenciaturas no Brasil favorece um impacto negativo na hora em que assumimos o cargo de professor.

Para Pereira (1999), esse modelo seria uma Licenciatura inspirada no curso de B bacharelado, com conteúdo específico que se sobressai ao conteúdo pedagógico, assim, a formação prática vai ter uma função secundária. No mesmo pensamento Paulo (2016), afirma que nos últimos anos, as licenciaturas em Geografia têm sofrido várias críticas, pois, estariam apresentando um *déficit* na contribuição da aprendizagem significativa quanto à formação de professores.

Ainda podemos ver algo parecido com esse modelo no curso de Geografia do campus I, UFPB, no qual, é dividido em licenciatura e bacharelado, porém, todas as componentes curriculares do curso de licenciatura, são aplicadas pelos mesmos professores do bacharelado. De acordo com Paulo (2016), é preciso uma mudança dos cursos de formação inicial e das concepções dos professores formadores das instituições de ensino em todo o território brasileiro. Nesse modelo, fica claro que os alguns professores universitários que trabalham conteúdos específicos não reconhecem a importância e responsabilidade de promover e associar conhecimentos específicos e conhecimentos pedagógicos.

Com base no fluxograma de 2017 da licenciatura em Geografia da UPFB (figura 1) notamos o distanciamento das componentes curriculares obrigatórias voltadas para a área prática de ensino desde o início do curso.

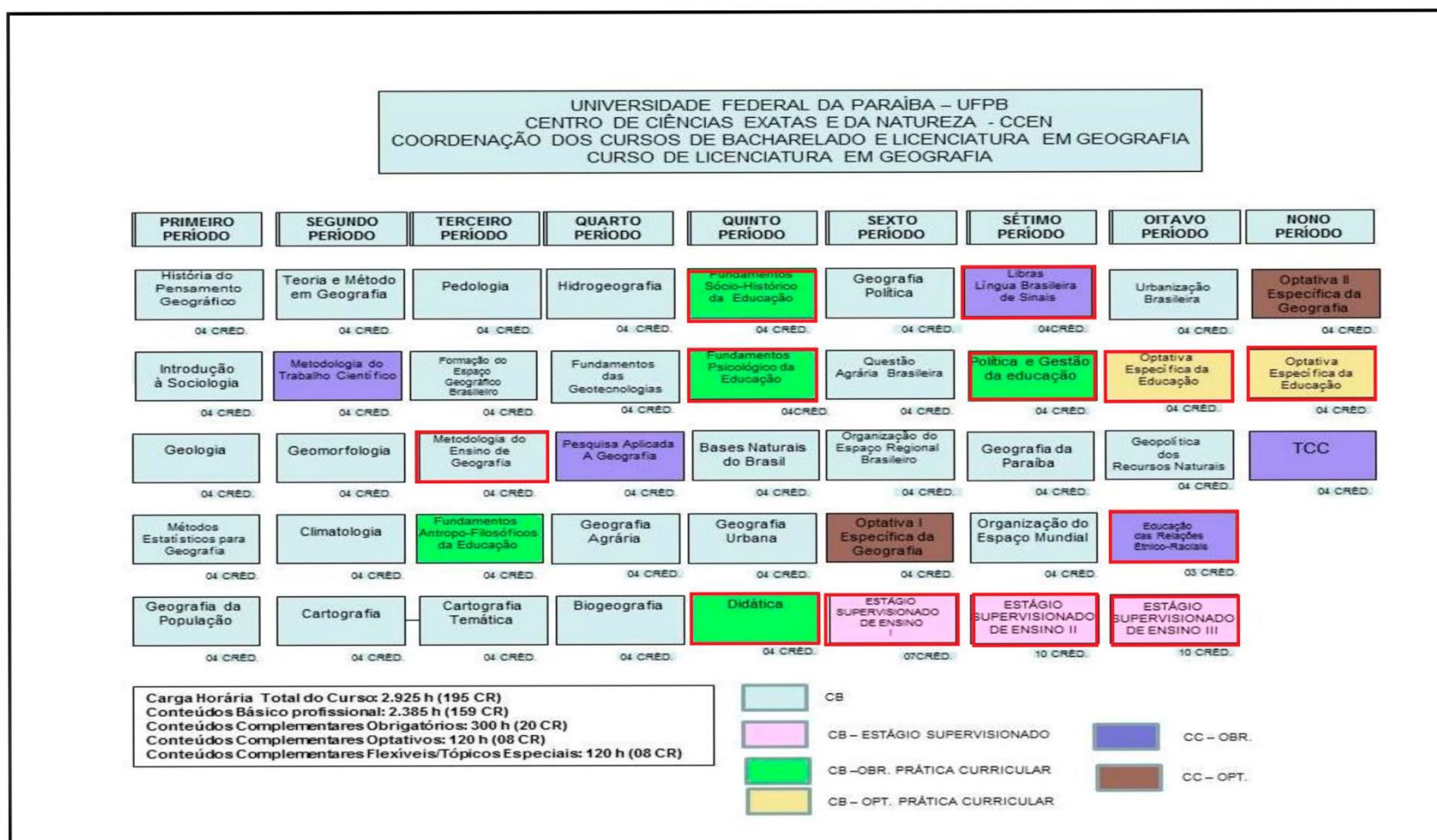


Figura 1: Fluxograma do Curso de licenciatura de Geografia. Fonte: <http://www.ccen.ufpb.br/ccblg/contents/documentos/licenciatura/fluxograma.pdf/view>. Acesso em: 29 jan. 2019.

Outro aspecto é a diferença das componentes curriculares de conteúdos específicos da Ciência, em relação às componentes com conteúdos pedagógicos (figura 1). A primeira componente específica para o ensino de Geografia – Metodologia do Ensino de Geografia – encontra-se no terceiro período. O fluxograma traz outras componentes com o viés para o ensino só no quinto período – Fundamentos Sócio-Histórico da Educação, Fundamentos Psicológicos da Educação e Didática – esse período é muito importante na licenciatura – UFPB Campus I, pois na metade do curso que realmente inicia o contato com conteúdos da Didática, uma das componentes mais importantes para a formação professor. No sexto e sétimo período, é que entrarão em contato com componentes curriculares de Estágio Supervisionado I e II, seguidos de Libras - Língua Brasileira de Sinais - e de Política e Gestão da Educação. O oitavo período é acompanhado com Estágio Supervisionado III e uma optativa da Educação, depois o Nono período, agrega uma optativa da educação.

Essa análise foi feita com base na posição do pensamento dos Participantes do Projeto. Quando perguntados sobre as componentes curriculares, todos exceto o Participante João Xavier, do curso Pedagogia, disseram sentir uma lacuna grande até começarem a estudar algo sobre Educação Geográfica. Além, de tardar experiências voltadas para a educação geográfica, ainda, relataram a dificuldade de começar escrever artigos relacionados aos temas sobre Educação Geográfica.

De acordo com a figura 1, implica em um modelo, no qual o universitário que não estiver inserido em algum programa acadêmico terá sua experiência prática com outras realidades após a metade do curso que é o Estágio Supervisionado.

Segundo com Martins e Tonini (2016), o Estágio Supervisionado é em seu movimento, um campo de conhecimento pedagógico no qual ficam as redes da universidade, da escola, dos estagiários junto com os professores da escola básica. Esses últimos seriam a preocupação central no que se refere a aprender e ensinar, além, de caracterizar como espaço de reflexão sobre os aspectos teórico-práticos do processo ensino-aprendizagem.

Dessa maneira, o Estágio Supervisionado é um campo que proporcionará ao universitário conhecer a realidade de quem já é professor, observando as práticas em sala de aula e dialogando com o professor da escola básica, entretanto, pelo fluxograma do curso de Licenciatura em Geografia da UFPB, Campus I, o primeiro Estágio Supervisionado só acontecerá, a partir, do sexto período dificultando a articulação com as componentes de conteúdos específicos.

Portanto Gatti (2014) e Pinheiro (2015) reforçam positivamente que programas como, PIBID ou Plano Nacional de Formação de Professores, tem um impacto positivo na formação de professores, estimulando os universitários ao caminho da docência para a escola básica, além da valorização dos próprios cursos das instituições. Para Gatti,

As pesquisas apontam o quanto à ausência de política nacional dessa natureza contribui para o esgarçamento das formações de professores em diferentes modalidades e níveis de ensino. Não se conta nem com a consolidação de normas exigentes e vigentes, as quais foram sendo elaboradas em vários tempos e sob variadas pressões, e que se encontram dispersas em leis, resoluções, portarias, pareceres, documentos orientados etc. (GATTI, 2014, p. 34).

Outra recomendação para a formação docente é a de articular mais e melhor os cursos com os problemas que tem maior relevância social. Nesse sentido, é importante buscar na formação, propiciar momentos e atividades em que esteja contemplada e exercitada a atuação política; a intervenção em eventos e movimentos sociais, direta ou mesmo indiretamente; as atividades de extensão; desenvolver projetos de investigação, de extensão, propiciando debates, atividades de campo (Cavalcanti, 2017). Isso ajudará no incentivo desses Participantes do Programa no fortalecimento da escolha pela docência, por meio de uma série de ações coordenadas, que aproximam a universidade da escola básica.

Sobre caminhos para uma melhor formação inicial Cavalcanti (2010) afirma que

O quadro estrutural atual impõe limites à atuação e formação profissionais, o que não significa impossibilidade de resistência, podendo-se vincular essa resistência a projetos de formação dos alunos. Ao dar aulas para qualquer nível de ensino, o professor escolhe sua fala, seu discurso, define abordagens, enfoques, tempos de fala, tempos de silêncio, encaminha atividades, utiliza-se de recursos, que têm influência direta nos resultados dos processos de aprendizagem dos alunos. De alguma maneira, consciente ou inconscientemente, o trabalho do professor está ligado a um projeto de formação, a um projeto de sociedade, a um projeto de humanidade. (CAVALCANTI, 2010, p.2).

Diante da política educacional e suas várias normas que ditam o quê o professor deve ensinar em sala de aula e frente ao ensino cada vez mais voltado para o mercado, os projetos que esses universitários participam é um caminho para ativar a autonomia necessária às práticas educativas.

Gatti (2014) evidencia que, para seguirmos novos caminhos nessa formação é preciso políticas educacionais voltadas para a área de formação inicial de um modo mais coerente e integrado, sendo os professores executivos e legisladores, uma vez que quando se pensa em políticas educacionais que atingirão principalmente o modo de atuação dos professores e alunos, essa classe não tem voz e é colocada de lado.

Na procura de superação dos problemas existentes, buscam-se também melhores formas de ensino e aprendizagem que superem o mal estar causado por aulas firmadas em um quadro negro e a decoreba do livro didático de Geografia, visto que, muitos professores estão em salas há muito tempo adquiriram práticas pedagógicas de seus antigos professores.

Sendo assim, um dos desafios é aproximar o universitário de outras realidades o quanto antes para que, o mesmo consiga compreender melhor os problemas sócio-territoriais, bem como imaginar e conseguir levantar hipóteses sobre efeitos presentes e futuros nos territórios, espaços, regiões e lugares e dessa forma, conseguir contextualizar isso para seus alunos em qualquer escala. Assim, poderá futuramente fazer maiores reflexões sobre sua prática e os impactos que ela causará em seus alunos.

Diante desse quadro preocupante Cavalcanti (2010) ressalta que muitos professores não suportam tantas atribuições no seu dia a dia profissional, visto que essa categoria luta pela garantia de salário digno, além de outras demandas colocadas, em relação à comunidade escolar, ao estabelecido pelas normas vigentes, aos currículos oficiais, à escolha dos livros didáticos. Percebemos que as exigências são muitas, e as condições para cumpri-las não são dadas para atingirmos resultados positivos e motivadores.

Assim, consideramos importante para a formação de professores de Geografia, não apenas, o domínio do conteúdo específico dessa ciência do mesmo modo, é necessário aprender os saberes pedagógicos possibilitando aos graduandos um processo de reflexão sobre a importância de ser professor e os desafios dessa profissão. Devemos salientar que maiores investimentos em Programas e Projetos direcionados para formação inicial do professor é de extrema relevância no momento em que estamos, sobretudo, a educação, principalmente a pública, que vem sendo cada vez mais sucateada. Repensar os problemas na educação é compreender que a formação de professores se mostra específica para a mudança na qualidade desses profissionais.

## **CAPÍTULO 4 O LOGEPA E O PROJETO DE EXTENSÃO – DO LITORAL AO SERTÃO: SOCIEDADE E NATUREZA NA PARAÍBA – 2018.**

A articulação com a extensão no LOGEPA, do DGEOC, no campus I da UFPB, vem acontecendo desde o projeto, “Conhecendo a Paraíba”, em desenvolvimento com o DGEOC no ano de 1995, trazendo como metas a dedicação na produção de recursos pedagógicos para educação geográfica, na realização de cursos de extensão, de palestras programadas para visitantes, produção de textos e acompanhamento para os estudantes, professores e outros.

Em 1995 a professora Emilia de Rodat Fernandes Moreira começa a idealizar o que hoje vem ser o LOGEPA, sendo, ela e outros professores como Maria de Fátima Ferreira Rodrigues, que mais tarde passaram pela coordenação do laboratório, figuras importantes para a continuação e fortalecimento de projeto de extensão naquele ambiente.

Na oficina<sup>5</sup> realizada no XIX ENG 2018, Emilia de Rodat Fernandes Moreira contou o que a fez querer criar esse laboratório dentro do CCEN- Geografia.

Vi a necessidade de produzir um material de fácil compreensão, que fosse tátil e ao mesmo tempo permitisse aos estudantes do ensino fundamental e médio e até mesmo aos estudantes da universidade que tivessem acesso a um conhecimento de Geografia da Paraíba que não fosse baseado apenas na memorização. (MOREIRA, XIX ENG. 2018)

Sua fala revela a preocupação no que concerne a falta de materiais didáticos para o ensino de geografia e especificamente na geografia da Paraíba, para a graduação em geografia e para a escola pública. Portanto, o material e conhecimento, produzidos no laboratório só contemplariam as escolas e comunidades através da extensão universitária.

Esse interesse leva a construção do Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba, através da portaria DGEOC nº 26/97 em 1997 que contou com participação da professora Emilia de Rodat Fernandes Moreira na coordenação; com o gerenciamento de Francisco Borges; participação de alunos e professores do curso de Geografia, entre, outros, além de alunos e professores da rede de ensino básico.

Com a aprovação do laboratório a equipe começou a executar construção da maquete do Estado da Paraíba, um pouco maior do que as convencionais, para trabalhar assuntos da Geografia da Paraíba de uma forma mais didática e prática. Os recursos financeiros conseguidos, não foram suficientes, então, com recursos próprios da professora Emília de

---

<sup>5</sup> Oficina sobre a construção da maquete da Paraíba e a importância desse recurso didático para o ensino da Geografia da Paraíba. Realizada no XIX ENG 2018, João Pessoa/PB de 01 e 07 de julho de 2018, com sede oficial na Universidade Federal da Paraíba/Campus I.



Rodat Fernandes Moreira e com ajuda de dois bolsistas do projeto “Conhecendo a Paraíba”, dos cursos Arquitetura e Geografia, com outros colaboradores começaram essa construção.

O “Projeto Conhecendo a Paraíba” que começou a ser realizado em 1995 teve com seu a criação do LOGEPA a fim de servir como suporte para o fortalecimento do ensino de Geografia da Paraíba em nível de ensino de educação básica junto com a pesquisa também na mesma área possibilitando os estudantes, em particular, aos da disciplina de Geografia da Paraíba uma oportunidade de treinamento técnico seja na elaboração de recursos didáticos, ou na utilização de metodologias de ensino e pesquisa; o intercâmbio da universidade com a rede de ensino fundamental e médio, além do armazenamento de dados e a participação de estudantes, professores e técnicos-administrativo na realização de um trabalho integrado e participativo. Justificando o interesse com a proposta que articula a extensão universitária com o Ensino e com a Pesquisa justamente para fortalecimento dos cursos de licenciatura e bacharelado de Geografia da UFPB.

A relação do LOGEPA com a pesquisa, de acordo com Silva e Silvestre (2010) se dá através da coleta e sistematização de dados e informações do ensino de Geografia realizado nesse ambiente, no sentido de elaborar planos de aulas e confecção de materiais e oficinas didáticas para visitantes do laboratório.

Sendo assim, a criação do laboratório foi condizente com as necessidades da Universidade, do DGEOC e da comunidade em relação à pesquisa, ensino e extensão na construção dos conhecimentos sobre Geografia da Paraíba e na produção de materiais e aulas mais didáticas.

É importante salientar que o LOGEPA em diversos momentos passou por períodos sem atividades. Podemos observar na Figura 2 o laboratório antes da atual coordenação, que após assumir encontrou o espaço bastante desorganizado. Provavelmente isso se explica por momentos que o laboratório ficou sem coordenação, atividades ou por utilização do laboratório para outros fins que não iam de encontro com a sua proposta de criação.



Figura 2: LOGEPA antes do projeto “Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza Paraíba. Fotos: Rita Lira. 2018.

Em 2017, o professor Antonio Carlos Pinheiro foi designado pelo DGEOC para assumir a coordenação do LOGEPA, retornando as suas atividades de extensão. No ano seguinte, foi apresentada a proposta do projeto de extensão “Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza na Paraíba para o Edital do Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX) 2018, visando dar continuidade às atividades realizadas no laboratório, na área temática de educação geográfica. Em 2018 com o Projeto aprovado o professor Antonio Carlos Pinheiro inicialmente com uma bolsista e três voluntários da graduação de Geografia, realizaram um mutirão para organização do ambiente.

A organização do laboratório levou dois meses, uma vez que eram necessários alguns reparos maiores e a ajuda foi toda voluntária, por estudantes e professores da graduação. Já organizado (figura 3), o LOGEPA estava pronto para recomeçar a receber as visitas.



Figura 3: LOGEPA organizado e aberto à visitação. Foto: Fabiano Cunha, 2018.

O Projeto Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza na Paraíba têm como objetivos: articular o ensino, a pesquisa e a extensão contribuindo para a produção e divulgação dos conhecimentos produzidos na Universidade; aproximar essa produção das escolas públicas, privadas e também de outras instituições de ensino e pesquisa de grupos externos e da própria UFPB; estabelecer um intercâmbio entre a universidade e a escola básica; atender estudantes e professores do ensino fundamental e médio. Nesta gestão buscaram promover uma articulação entre a graduação e a pós-graduação da Geografia e de outros Centros e Departamentos da UFPB: parceria e articulação com o Programa de Licenciatura (PROLICEN) da universidade para a valorização das Licenciaturas, em especial da Geografia. Além disso, tem articulação com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Geográfica (GEPEG/UFPB), do Laboratório de Climatologia Geográfica (CLIMAGEO), do Laboratório de Estudos do Semiárido (LAESA), do subprojeto PIBID de Geografia e outros que poderão se integrar em projetos no LOGEPA.

No intuito de fomentar pesquisas, divulgar essa produção para a sociedade e aproximar os conhecimentos escolares dos acadêmicos e do senso comum, foi apresentado este Projeto de Extensão Universitária, possuindo a oportunidade, a fim, dos universitários prestarem serviços que beneficiam a rede de ensino básico prioritariamente as de ensino público, dentro de uma visão contemporânea da Geografia, fortalecendo e cumprindo sua função em relação ao indivíduo, a sociedade e a ciência. Para os Participantes do Projeto era pretendido construir um espaço de diálogo para troca de experiências e práticas realizadas na

universidade e na escola básica, e envolver especialmente parcelas da sociedade com carências no conhecimento e na Educação Geográfica. Nesta perspectiva os participantes do projeto do LOGEPA puderam produzir atividades de pesquisa que fomentam ao conhecimento do espaço geográfico paraibano considerando suas particularidades, individualidades e globalidades, onde se manifestam mudanças e/ou permanências físico-naturais e histórico-culturais em suas paisagens.

O LOGEPA ao longo desses anos construiu um vasto patrimônio (Figura 4) para subsidiar as práticas de ensino, pesquisa e extensão, como: uma maquete do Estado da Paraíba com escala horizontal de 1:100.000 e vertical 1: 10.000; uma maquete do Parque Arruda Câmara – Bica com escala horizontal de 1:500 e vertical de 1:200; coleção de fósseis da Paraíba; amostra de rochas e minerais; peças artesanais; Mapas diversos; uma publicação, intitulada de Cadernos do LOGEPA (atualmente inativa), com três linhas de publicação: 1-Série Monografia, 2-Série Texto Didático e 3-Série Pesquisa, produzidas no âmbito do projeto para que os mesmos possam ser disseminados para a sociedade, entre outros objetos. Esse acervo é disposto no laboratório e apresentado aos visitantes.

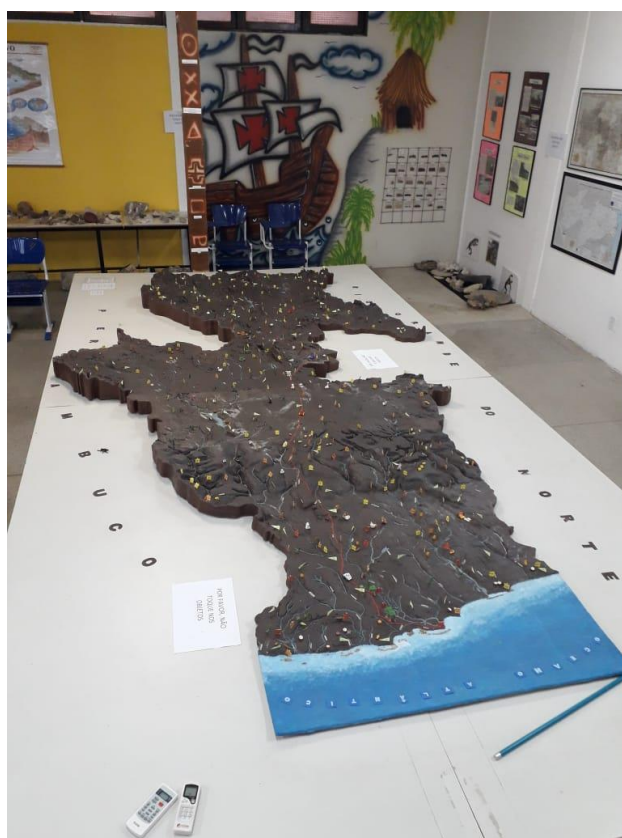


Figura 4: Maquete do Estado da Paraíba, no LOGEPA. Foto: Gabriel Nobrega. Fev. 2019

A maquete (figura 4) do Estado da Paraíba é um dos recursos didáticos que mais chama atenção no laboratório, primeiramente pelo seu tamanho, seguido da representação tridimensional gráfica do relevo. Ensinar sobre Geografia da Paraíba com esse tipo de recurso fica muito mais fácil à compreensão dos estudantes de todos os níveis de ensino.

Para Simielli (1990) e Oliveira et al. (2013), a grande vantagem de trabalhar com maquetes é fornecer aos estudantes, principalmente do ensino fundamental, um modelo simplificado e reduzido de fácil visualização dos principais elementos do relevo. Muitos estudantes têm dificuldades de visualizar as altitudes representadas nos mapas de hipsometria e/ou curvas de nível, essa dificuldade está ligada ao início de conteúdos de cartografia e de falta de aulas com outros recursos didáticos que facilitem a aprendizagem e a compreensão dos conteúdos.

Assim, o LOGEPA representa um agente fortalecedor do ensino de Geografia, especificamente Geografia da Paraíba, como se constitui no desenvolvimento do projeto de extensão “Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza na Paraíba” em articulação com a extensão universitária, fortalecendo as práticas do ensino de geografia na universidade e no público recebido no laboratório.

#### 4.1 Práticas Educativas no Projeto de Extensão do LOGEPA -2018

Nesse trabalho, optamos por trabalhar com a Prática Educativa, por ela não ocorrer apenas nas instituições de ensino, mas também em outros espaços sociais, como na família, na igreja, nos sindicatos, laboratórios, museus e no convívio social com outros indivíduos. Levamos em consideração o público que pode ser desde crianças até adultos, independentemente de estarem estudando ou não. No seguimento didático do Projeto de extensão é considerada a importância dessa Prática Educacional no que diz respeito aos conteúdos geográficos abordados nas oficinas.

Ao falar de Prática Educativa, notamos a necessidade de dar a significação da palavra, educação, que de acordo com Ferreira (2001) refere-se a processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano. Segundo Libâneo (1990), educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de todas as sociedades. Para o autor, a educação é considerada o mesmo que prática educativa.

Salientamos que como fenômeno universal, a educação, não chega para todos no mesmo nível. De acordo com Bandeira e Ibiapina (2014) a educação e uma boa formação não são elementos naturais para todos, mas sim decorrentes de um trabalho consciente e que há muito tempo desde a Grécia era voltada para uma determinada classe social, a nobreza. Quando maior parte dos que possuíam os meios de produção começaram adotar a educação como forma e como bem para todos, isso deu início as Práticas Educativas.

De acordo com BRASIL (1996), na LDB, nº 9.394/96, inicia afirmando, que a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem em vários lugares, um dos quais é a escola, como mostra em seu Art.1º: A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

De acordo com Freire (1996), a educação é especificamente humana, sendo gnosiológica, é diretiva, sendo assim política, é artística e moral, servindo de meios, envolve frustrações, medos e desejos. Exigindo do professor, uma competência moral, o saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à atividade docente.

Como professor, temos que conhecer a origem de nossos atos para não cairmos na ingenuidade de desconhecer o nosso papel. Não negligenciando, como educadores a contribuição para que o educando consiga pensar criticamente sobre a sociedade em que vive, e refletir sobre seus atos, transformar-se a partir de nossa ajuda.

A prática tem sua base na institucionalização, são as formas de educar que ocorrem em diferentes contextos, configurando a cultura e a tradição das instituições. De acordo com Pimenta (2003) a prática educativa é um traço cultural compartilhado que tem relações com o que acontece em outros âmbitos da sociedade e de suas instituições.

Assim, entendemos nesse trabalho, que práticas educativas são ações intencionadas ou não, no sentido de incentivar os indivíduos e esse ao compreender e reproduzirem os conhecimentos tornando-os capazes de transformar o meio social em que vivem. Sendo assim, as práticas dos Participantes do Projeto rompem o ensino tradicional de Geografia das escolas e as práticas docentes – entendemos para práticas docentes, aquelas que são exercidas por um profissional do ensino, dentro do ambiente escolar – uma vez que essas práticas são realizadas fora da escola e por estudantes universitários. Segundo Pimenta

A prática educativa tem sido comumente identificada com a dimensão técnica de ensinar, que caracteriza a didática instrumental e envolvem técnicas, materiais didáticos, controle de aula, inovações curriculares, competências e habilidades do



professor segundo o prisma do controle eficaz do processo. (PIMENTA, 2003, p 180)

Portanto falta de experiências e de recursos pedagógicos podem levar ao uso excessivo do livro didático de Geografia deixando os conceitos geográficos em meros campos decorativos, dificultando os objetivos de professores que não querem apenas trabalhar com assuntos específicos do livro de Geografia. Acreditamos que a atuação no projeto de extensão ajuda aos Participantes se conhecerem melhor, de acordo, com Bandeira e Ibiapina (2014) agir consciente, nesse ponto, sugere não somente o conhecimento de si mesmo, mas o indispensável reconhecimento da relação com o outro e com o contexto.

Segundo Silva e Silvestre (2010) o “Projeto Conhecendo a Paraíba” no ano de 2009, propõe-se a contribuir para superar esse modo de ensino de Geografia, fundamentado em práticas decorativas que muitas vezes fazem com que os estudantes não gostem da disciplina, ao mesmo tempo o projeto põe em execução uma proposta crítica de análise do espaço social em que vivemos.



Figura 5: Xilogravuras e cordel nas oficinas do projeto. Set. 2018. Com a utilização de xilogravuras e cordel. Foto: Fabiano Cunha.

Uma das práticas educativas utilizadas pelos Participantes do atual Projeto é a apresentação da literatura de Cordel (figura 5) em que a participante Rita Lira explica as características desses elementos no contexto geográfico onde é apresentado como, um veículo de comunicação para a difusão da cultura popular do Nordeste e cheio de elementos que poderão produzir novos conhecimentos.

De acordo com Barros (2016), o cordel pode representar um significativo recurso pedagógico possibilitando a reflexão sobre as mais variadas linguagens e sujeitos ao Participante do Projeto. Havendo assim, uma interdisciplinaridade com os conceitos da Geografia, arte popular, história, português, ressaltando a importância da cultura nordestina e conceitos geográficos.

De acordo com Silva e Muniz (2012), é muito importante trabalhar com recursos didáticos que possibilitem o diálogo na relação estudante-professor dando novos rumos ao ensino-aprendizagem da Geografia. Muitas escolas não possuem um laboratório de Geografia ou até mesmo de informática para o uso em aulas, o que dificulta mudança na rotina, quando o professor precisa fazer algo que não seja apenas na sala de aula. De acordo com Pinheiro (2015, p. 49),

Na atualidade, em virtude da complexidade do mundo, aumentaram as atribuições dos professores; além dos conteúdos tradicionais das disciplinares escolares, têm de lidar com outros temas que surgem diariamente no ambiente escolar, como a questão ambiental; o respeito à diversidade; a inclusão; a utilização das novas tecnologias. Contudo, ainda assim, a escola continua sendo importante para a sociedade e apesar de todos os problemas é inegável que hoje o ensino é melhor que antigamente. (PINHEIRO, 2015)

Todas essas atribuições para o professor de Geografia vão interferir na prática educativa. Diante disso, o exercício realizado pelos Participantes do projeto de extensão nas oficinas os coloca diante dessa atualidade da vida de professor. Perante essa situação, as contribuições do LOGEPA levarão esses futuros professores a buscarem um ensino mais interdisciplinar e didático.

Por exemplo, trabalhar com elementos da cultura popular de uma região, mostra o entendimento e o direcionamento que os Participantes do Projeto têm com seus visitantes. A exposição e contextualização desse material valida a importância que dão para a cultura popular e a preocupação diante da negação quanto ao sentido de identidade de ser nordestino.

Diante de uma não representatividade nas mídias, algumas crianças e adolescentes, desenvolvem uma rejeição quanto a ser nordestino. Muitas vezes esses veículos de divulgação descrevem o nordestino com adjetivos negativos, prejudicando a visão que esses sujeitos têm do que é viver no nordeste. Assim, o cantinho da cultura popular como é conhecido essa parte no LOGEPA pelos Participantes do projeto, ajuda na divulgação dessa cultura com uma visão positiva e fazendo relação contrapondo a região onde estão inseridos. A partir daí, estão desenvolvendo uma prática, com foco na valorização da região e de sua cultura, fazendo os visitantes entenderem melhor a importância desses elementos na representatividade desse



povo. Se o ato de educar precisa de um posicionamento político e cultural, então podemos notar esses elementos junto às práticas educativas dos Participantes.

De acordo com Freire (1996), toda prática educativa exige a existência de sujeitos: um que, ensinando, aprende e outro que, aprendendo, ensina. Podemos notar isso quando em momentos das oficinas os visitantes que não são do Nordeste ou que não residem em João Pessoa compartilham conhecimentos de sua região ou cidade natal. Na atuação em oficinas de Geografia da Paraíba, os Participantes do Projeto começam a aprender a utilizar vários recursos didáticos para a Educação Geográfica, com intensão de oferecer um ensino mais crítico tanto em sua prática educativa como também no despertar da concepção mais crítica do visitante.

A orientação do Coordenador do Projeto junto à participação no grupo de leitura GEPEG ajuda no aprendizado e na construção dessas práticas. A discussão de textos com temas voltados para o ensino de Geografia, metodologias de ensino e formação de professores de Geografia, entre outros temas, são bases para um alcance maior. Para Bandeira e Ibiapina (2014),

Quanto à dimensão da prática educativa, esta tem alcance pedagógico, filosófico, social e histórico, e por isso é apropriado falar de uma consciência de práxis educativa como uma articulação entre atividade objetiva e subjetiva do homem (BANDEIRA; IBIAPINA, 2014).

Dessa forma temos uma ação pensada e planejada dos Participantes do Projeto executando oficinas de Geografia da Paraíba com teor educacional e consciente na sua realização, agindo entre a prática e a teoria, não podendo deixar de existir planejamento da ação. Essas práticas sempre vão ser parte do indivíduo e o mesmo é carregado de ideologias que terá o poder de transformar realidades.

Portanto, para produzir mudanças sociais na educação e na melhoria da formação do professor de Geografia dentro desse Projeto é preciso continuar desenvolvendo práticas educativas e recursos didáticos direcionados à criação de novos conhecimentos. De acordo com Silva (2016) mesmo com a criação de recursos didáticos ainda sim, é possível encontrar alguns professores resistentes à adoção desse material para o aperfeiçoamento de suas práticas. Assim mostramos a importância desse tipo de ação no qual os participantes da extensão estarão absorvendo e atuando com vários desses recursos na intensão de uma aula produtiva, ajudando-os assim a não realização de aulas baseada na educação tradicional.

## **5 RESULTADOS: ANÁLISE DA ENTREVISTA COM OS PARTICIPANTES DO PROJETO “DO LITORAL AO SERTÃO: SOCIEDADE E NATUREZA NA PARAÍBA.**

A pesquisa sobre as contribuições do projeto de extensão do LOGEPA na formação dos participantes procurou responder as questões fundamentais: o que o participante aprendeu de mais importante no projeto de extensão? Como o Projeto ajudará na vida como professor de Geografia? Sobre o Laboratório LOGEPA qual a importância dele para a UFPB e para a comunidade? Lembrando que os participantes serão identificados por seus nomes originais.

As respostas obtidas dos Participantes do Projeto evidenciaram a importância da participação da extensão e práticas de ensino de Geografia, realizadas no laboratório e não deixando dúvidas de manter o LOGEPA validado a projetos de extensão, pois com isso, contribuem para o processo de aprendizagem dos participantes, ajudando diretamente na prática profissional quando estiverem atuando como professores de Geografia.

Todos os entrevistados apontaram as contribuições que o projeto de extensão trouxe e como as oficinas de Geografia da Paraíba contribuem e contribuirão efetivamente para a formação em professor de Geografia.

Quando foi perguntando, o que consideravam que aprenderam de mais importante na participação do projeto de extensão, temos as seguintes repostas.

Eu aprendi mais a trabalhar em grupo com o pessoal do laboratório, e a entender que se a gente não conseguisse trabalhar em grupo, não ia conseguíamos fazer as oficinas funcionarem. Chegou momento que recebemos 60 crianças do ensino fundamental, e a gente tinha que saber lidar com essas 60 crianças falando de Geografia da Paraíba. Eu também aprendi a lidar com crianças de diferentes idades, e de diferentes escolas, então, me ajudou muito a está preparada pra está na sala de aula. (Entrevistado Rita Lira)

A Rita ressalta a importância de se trabalhar em grupo, o que é muito importante quando estamos trabalhando em qualquer lugar ou em qualquer profissão, uma vez que nunca estamos inteiramente sozinhos no mundo profissional. Esse aprendizado ela também vai exercer em sua vida acadêmica, uma vez, que ela ainda está cursando o 3º período do curso de Geografia, Licenciatura.

Esse envolvimento em projetos de extensão faz com que eles aprendam a trabalhar em equipe e a resolverem problemas, tornando-se mais responsáveis com os compromissos universitários e cidadãos uma vez, que o trabalho em equipe exige conhecimento,

responsabilidade, habilidades e respeito entre os participantes. Assim todo o conhecimento voltará para a universidade e poderá dar rumo às novas pesquisas.

A parte mais importante que eu aprendi é quando você passa o que aprendeu para outras pessoas para elas serem multiplicadoras, essa interatividade entre as pessoas que visitam o LOGEPA, o que ele tem a oferecer e quando você os vê saindo com uma nova plataforma de conhecimentos que elas não tinham antes. Conhecendo com e através da maquete, através das experiências que elas vivenciam, seja nas dinâmicas, seja em aulas fora do LOGEPA, que nós realizamos então tudo isso enriquece e favorece ao aprendizado mais robusto. (Entrevistado Joabe Pires)

Joabe Pires, estudante do 3º período de Licenciatura em Geografia, traz o ensinar e o transformar a comunidade através do que se aprende. O contanto com uma sala cheia de recursos didáticos como a maquete do Estado da Paraíba, fotografias do cotidiano, xilogravuras, cordéis e mapas e uma aula sobre Mata Atlântica dentro da Mata Atlântica paraibana traz assuntos variados muitas vezes trabalhados fora do contexto Paraíba.

Observo na fala do participante Joabe Pires a preocupação com a ação transformadora através das práticas e dos conteúdos. A resposta imediata vem com a participação dos alunos durante a oficina e o que foi aprendido nela, visto que, alguns assuntos abordados nas dinâmicas além, da Geografia, trazem cidadania, cultura e meio ambiente.

Primeiro é ouvi o outro, porque, o LOGEPA é um laboratório grande, com várias pessoas de cursos diferentes, então, eu tenho que primeiro aprender a ouvir, saber qual o objetivo realmente e a partir de que eu começo a aprender a ouvir, a me centralizar aqui, eu posso usar minha ciência e saber como é que eu vou usar essa ciência, que é a Pedagogia. Porém eu me identifico mais na área de administração, saber como a gente vai trazer essas crianças, melhor horário, um didática. (Entrevistado João Xavier)

João Xavier ressalta a importância de trabalhar em grupo, quando ele diz, que o é mais importante no projeto é aprender a ouvir o outro, a experiência com outras pessoas e está em constante planejamento, através de reuniões, conversas, horas trabalhadas e eventos, para a realização das oficinas é um trabalho que requer saber lidar e respeitar as opiniões do grupo. Essa característica também vai ser muito importante quando o mesmo estiver em sala de aula. A escola é multicultural, composta de vários elementos diferentes e isso exige do professor capacidade maior de compreensão desses sujeitos.

A participação do estudante João Xavier no projeto é de grande relevância, pois, ele sempre agrega algo mais pedagógico, questiona o objetivo dos conteúdos e sempre ressalta a parte administrativa das oficinas.

O que achei mais importante, pessoal, é a questão, por exemplo, eu me preparar pra como se fosse dá uma aula quando a gente vai fazer as oficinas, então, tem um preparo do que vai ser dito, o material que a gente vai utilizar, e assim, a gente perde a timidez, a vergonha, é..., conforme a gente vai fazendo a gente vai perdendo a vergonha vai tomando mais ciência sobre aquele assunto, mais domínio sobre o assunto abordado. Então, eu acho que isso me elevou bastante, cresceu bastante essa parte em mim. (Entrevistada Tatiana Santos)

A participante Tatiana Santos, estudante do 6º período de Geografia, bacharelado, complementa a resposta quando ressalta a importância de conhecer os conteúdos e se preparar anteriormente para determinada oficina. Assim, ela poderá explicar e abordar assuntos que acontecem em outras escalas e não apenas na regional.

A produção do conhecimento científico poderá estar afetada se a universidade não atentar para as necessidades, problemas e contradições da comunidade, podendo chegar de forma que a sociedade não compreenda as reais intenções dos projetos.

A oficina realizada pelos participantes do projeto, sobre Geografia da Paraíba e outros assuntos, tem que ser adaptada para os visitantes, como a Participante Rita falou, em outro momento, que receberam crianças de diferentes idades e séries.

Pelas respostas apresentadas podemos perceber que participar de um projeto de extensão, além de pesquisar assuntos sobre o tema trabalhado, possibilita o participante a ampliar suas possibilidades de aprendizagem tendo em vista contato direto com a comunidade e as responsabilidades de está trabalhando com outras pessoas de diferentes lugares e cursos. Isso é muito importante para o universitário, pois ao ingressar no curso de Geografia e pela realidade do currículo do curso é mais fácil criar um perfil de pesquisador e não somente de professor de Geografia.

Outro aspecto que ficou evidente nas respostas é a preocupação no fazer dar certo, no que diz respeito ao querer ouvir o próximo e ao tentar trabalhar melhor em grupo. Em qualquer realidade profissional isso é muito importante para fazer projetos darem certo.

Na segunda pergunta sobre a importância do Laboratório LOGEPA para UFPB e comunidade, os participantes responderam ressaltando as contribuições que o laboratório tem proporcionado aos que os visitam, bem sobre a importância dos recursos disponíveis para as oficinas e sobre a importância de receber um público diversificado.

A gente recebeu trabalhadores terceirizados da limpeza do nosso departamento, a gente sempre recebe com frequência os estudantes da pedagogia, e isso é muito rico pra UFPB, porque a gente acaba trazendo quem está ao nosso redor, o pessoal da limpeza, e muita gente não fala um bom dia, uma boa tarde. Eles estão na Geografia e não sabem o que acontece aqui dentro, e isso é muito importante para interligar essas pessoas e interligar os cursos, porque quem está lá na Pedagogia está estudando como vai dar aula para o fundamental I, mas, não tem contato com os

professores de Geografia daqui. Então a gente conseguiu fazer essa interconexão.  
(Entrevistada Rita Lira)

A fala da Participante Rita Lira traz, em um momento, a preocupação com a inclusão do ensino para todos. Quando ela menciona e dá importância para a turma de trabalhadores que receberam no laboratório, fica clara a preocupação com compartilhamento dos saberes que estão naquele ambiente. Ela dá importância aos trabalhadores que talvez, não puderam ter as mesmas oportunidades para concluir seus estudos e até mesmo entrarem em um curso superior.

Durante maio a dezembro foram quatro visitas de turmas da Pedagogia da UFPB, da componente curricular Ensino de Geografia. Em uma das oficinas foi observado por alguns Participantes do Projeto que uma das alunas da Pedagogia não reconheceu a maquete do Estado da Paraíba, chegando a confundir com a de Pernambuco. Quando vemos casos como esse, nos deparamos o quanto é importante ter mais aulas com esse tipo de recurso didático. Para Oliveira, Santos e Pereira (2016), o LOGEPA cumpre seu papel e sua importância quando conseguimos quebrar as barreiras do ensino tradicional e enfadonho de Geografia. Assim,

A maquete da Paraíba é relevante para a transmissão do conhecimento não só da Geografia Física, como também o aprofundamento dos conceitos geográficos relacionados à Geografia da Paraíba, pois através da maquete é possível se fazer a comparação entre setores, regiões e áreas diversas contemplando diferentes temas geográficos (fluxos, circulação, população, vegetação, povos, cultura, etc.). Também, podemos observar o relevo paraibano de maneira tridimensional, favorecendo uma ampla visão espacial do vasto conjunto de informações existentes no Estado da Paraíba. (OLIVEIRA; SANTOS; PEREIRA, 2016)

Portanto, o LOGEPA e seus recursos didáticos junto a esse de projeto de extensão mostra a sua importância e compartilha os conhecimentos geográficos. Em contato com muitos visitantes do qual ministramos Oficinas de Geografia da Paraíba, esses destacaram a importância de ter aula de Geografia em um laboratório como esse.

Em minha opinião, é de suma importância, o laboratório LOGEPA, ele dispõe de várias possibilidades quando você chega aqui. Tanto a questão do acervo de livros, tanto a questão da parte física estrutural com as maquetes e se o aluno descobre que essa ferramenta está disponível a ele, e a utiliza com certeza, será de grande valia no seu curso regular. Para comunidade é importante porque acham que a Universidade é algo muito inacessível e distante, talvez, porque seus próprios professores não têm essa visão de sair da escola, dos muros da escola para conhecer o mundo acadêmico, dá a eles a oportunidade de a primeira experiência o primeiro contato e é subutilizado nos dois aspectos, tanto dos acadêmicos e para a comunidade. Talvez por uma falta de maior divulgação dessa ferramenta (laboratório) tanto para os acadêmicos como para a comunidade. Mas ressaltando a parte positiva ele é de vital importância para aqueles que buscam mais conhecimentos e se aprimorar na

geografia da Paraíba, claro, não só especificamente a questão física da Paraíba, mas a questão humana que é riquíssima culturalmente, a questão da interação que eles têm com o meio ambiente e o que isso reflete naqueles que moram na região. (Entrevistado Joabe Pires)

Na fala do Participante Joabe Pires conseguimos observar o quanto é significativo para os participantes desenvolver oficinas e atividades no LOGEPA e o suporte que o laboratório tem para promover vários tipos de ações sobre Geografia.

É relevante pensar, sobre a importância de aula de campo com turma de ensino fundamental e médio, para aguçar mais a curiosidade e estimular a aprendizagem desses estudantes. Porém, nas observações e registros feitos ficou claro algumas dificuldades que as escolas, principalmente as públicas, enfrentam para tirarem os estudantes da escola e realizar uma atividade como essa. O gráfico (figura 6) foi resultado das atividades do projeto de extensão “Conhecendo a Paraíba: articulando saberes do campo e da cidade”, 2007. Foi apresentado no X Encontro de Extensão UFPB, 2008. De acordo com Silva et al. (2008), as atividades com o número de escolas públicas foi bem maior ao das escolas particulares, mas, ainda ressalta a dificuldade que os professores da escola pública enfrentam para deslocar seus estudantes no que se refere a um trabalho de campo ou a algum outro tipo de atividade fora da escola. Assim, temos uma análise feita pela autora.



Figura 6: Gráfico do projeto “Conhecendo a Paraíba: articulando saberes do campo e da cidade, 2007”. Fonte: Silva et al. (2008).

A título de comparação utilizamos um segundo gráfico (figura 7) produzido no projeto do ano de 2018 no qual, notamos ampla diferença entre a quantidade de atividades para escolas públicas e particulares, porém, a quantidade de atividades relacionadas à extensão do LOGEPA teve uma pequena diferença de 22 atividades no ano de 2007 para 21 atividades no ano de 2018.

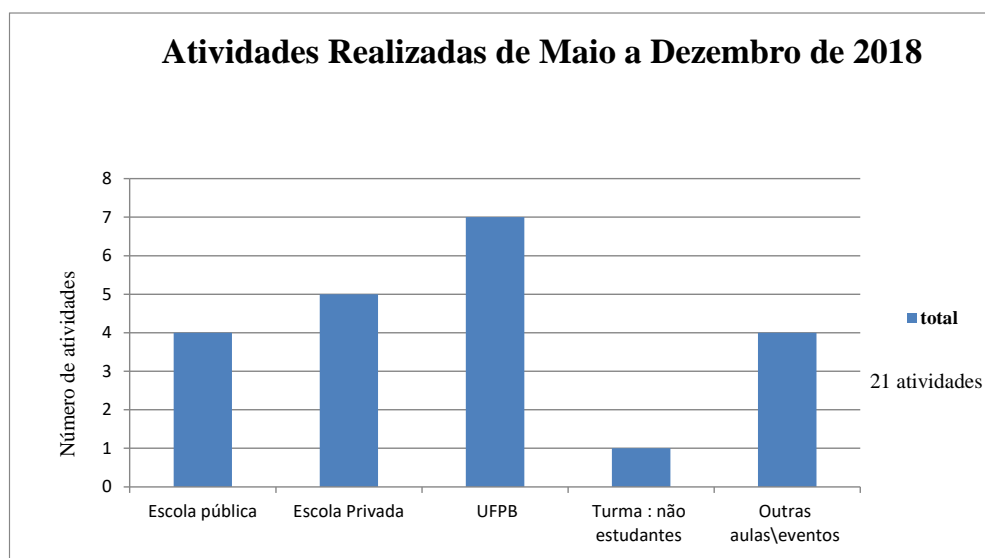


Figura 7: Gráfico com as atividades realizadas no LOGEPA de maio a dezembro de 2018, no projeto de extensão – Do Litoral ao Sertão: Sociedade e Natureza na Paraíba. Elaborado por Fabiano Cunha.

Ainda consideramos expressiva a quantidade de oficinas realizadas (figura 7) para universitários de outros cursos da UFPB, e destacamos também outras ações como, a participação em eventos regionais: “IV Encontro Regional de Práticas de Ensino em Geografia”, no Crato-CE no ano de 2018, os participantes assistiram todo o evento e a bolsista Tatiana Santos junto com o Coordenador do projeto apresentaram um trabalho sobre práticas extensionistas; a oficina realizada pela professora Emilia de Rodat Fernandes Moreira no XIX ENG 2018 teve a participação com pessoas de vários Estados do Brasil; a utilização do LOGEPA para palestras e aulas dos professores do DGEOC.

Com o número menor de atendimentos à escola pública, no projeto atual em relação ao projeto de 2007, ainda consideramos o resultado do atendimento a esfera pública positivo, atingindo um dos objetivos do programa, que é beneficiar a rede pública. Apesar das dificuldades com o transporte, principalmente, para as escolas públicas, esse problema com transporte foi visto nos dois projetos, o de 2007 e o de 2018, onde algumas visitas foram canceladas.

Diante disso, ao perguntarmos para o participante João Xavier sobre a importância do Laboratório LOGEPA para UFPB e comunidade, em sua resposta notamos a importância de conhecer outros ambientes como a Universidade.

Bom... Aí vou ter que falar um pouco da minha história. Eu fui o primeiro a terminar o ensino médio e o primeiro a entrar numa universidade pública, então, a partir do momento que o LOGEPA traz esse suporte pra pessoas do fundamental I, II e para o ensino médio de ir à universidade, participar de uma aula dessas, talvez, seja o primeiro contato de inspirar uma criança a tentar fazer uma universidade ou um curso de Geografia ou qualquer outro curso. Queria eu ter na memória quando mais

novos que eu vi pra um projeto e que eu vim pra universidade pública. (Entrevistado João Xavier)

Visto que, durante as oficinas, os participantes do Projeto têm a chance de falar um pouco sobre o curso de Geografia ou como chegaram ali, mostrando o ambiente e seus recursos isso também pode mudar a opinião e incentivar aqueles estudantes/visitantes, a quererem e acreditar que são capazes de ingressar em algum curso universitário. O ensino superior para muitos, ainda é uma coisa bem distante, porém, essas atividades de extensão poderão dar outras chances para os que não acreditam no ingresso ao ensino superior.

Eu acho que pra universidade são os ganhos acadêmicos. É um espaço que pode ser explorado, tem muito material, a gente pode estudar aqui dentro. E pra comunidade eu acho legal, porque a gente diminui o espaço entre a universidade e a sociedade. Eu acho legal essa aproximação pra gente entender que a universidade não é um lugar fechado, só onde algumas pessoas tem acesso. Eu acho legal o acesso pra todos. Quando a gente, abriu pra comunidade pra eles entenderem o que a gente aqui na Geografia, os estudantes fazem, eu acho importante a comunidade saber o que a gente tá fazendo aqui e pra gente também adquirir conhecimento, agregar coisas pra eles. Eu acho importantíssimo isso. Eu acho que toda universidade tem que trabalhar com projeto de extensão. Nós estamos aqui por conta da sociedade então eu acho importante por isso. (Entrevistada Tatiana Santos)

Podemos observar na resposta dessa participante o real sentido da extensão compartilhar os conhecimentos produzidos pela universidade para a comunidade. A construção das oficinas e experiências adquiridas fazem os participantes construir uma prática educativa mais didática para todos os visitantes. De acordo com Cavalcanti (2012) ao construir geografia, constroem também conhecimentos sobre o que produzem, sendo eles também geográficos. Então, ao lidar com coisas, fatos e processos na preparação e realização das oficinas, os participantes do projeto vão construindo e reconstruindo geografias.

As respostas a seguir equivalem à terceira pergunta, mostram como os participantes veem as contribuições do projeto de extensão na vida profissional como Professor de Geografia. Destacando a importância de ter um espaço como o LOGEPA para a realização das oficinas de Geografia para públicos diferentes, enfatizando também a importância dos materiais didáticos que estão ali presente.

Eu estou ganhando experiência com o LOGEPA, a gente conheceu turmas diversas e passou por diversas dificuldades e diversas coisas boas. Eu sou bolsista do PIBID e quando eu chego à sala de aula, eu me lembro do que eu fiz no LOGEPA, de como reagir a determinadas situações, então tem me ajudado muito, a saber, tomar decisões na sala de aula, a saber, observar cada aluno, a saber, observar meus colegas trabalhando, então me ajuda muito. (Entrevistada Rita Lira)



Quando a Rita passa a observar os colegas trabalhando nas oficinas, situações que estão no dia a dia de uma sala de aula e até nos processos burocráticos do LOGEPA, acontece outra forma de extensão que Santos, afirma.

Uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico e o humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental etc.) que circulam na sociedade. (SANTOS, 2004, p. 56).

Uma vez que trabalhamos com pessoas de diferentes cidades ou de regiões os Participantes do Projeto também adquirem outros saberes. As turmas recebidas no LOGEPA em sua maioria são da cidade de João Pessoa-PB, porém sempre tem um aluno que não é nascido nessa cidade, que poderá acrescentar outros saberes de sua região. Essas turmas visitantes também expressam sua visão da universidade através da extensão universitária e de seus Programas, pois que, ela se torna instrumento de troca de vivências e construção de conhecimentos. Portanto com relação à percepção para universidade poderá ser positiva ou negativa já que sua avaliação se dará pelo tratamento que os participantes do Projeto terão.

Uma das partes principais que ele é contundente. É você se planejar para os diversos tipos de públicos que vai vir ao LOGEPA e que vamos encontrar quando formos professores, então, você tem desde crianças, adolescentes, pessoas de maior idade, pessoas de várias classes sociais, inclusive acadêmicos e quando você tem oportunidade de personalizar essa mensagem utilizando as técnicas que o LOGEPA dispõe então, isso facilita muito. Personalizar o ensino, adaptar aos vários tipos de público. E quando você faz isso e pratica diversas vezes, vai tornado mais fácil. Obviamente quando for inserido no mercado de trabalho como professor vai facilitar muito o planejamento curricular. (Entrevistado Joabe Pires)

Assim percebemos na resposta do participante Joabe Pires a junção da teoria e da prática sendo executada. Quando percebe a diferença de turmas, ele tem que personalizar a linguagem para que fique acessível e compreensível para todos os níveis. De acordo com Costa et al (2013) a extensão universitária é uma ação privilegiada para a *práxis* acadêmica, tornando uma experiência enriquecedora de aprendizagem não apenas para a vida profissional como também para a vida pessoal.

Nessa mesma perspectiva podemos fazer uma reflexão sobre a ampliação dos conhecimentos quando o participante Joabe Pires fala na personalização do ensino. Para personalizar é preciso pensar sobre, discutir sobre ou trabalhar mais em cima de um tema, portanto, a participação dos envolvidos no Projeto do LOGEPA, nas reuniões do grupo

GEPEG e as reuniões internas do Projeto, ajudam e incentivam a ampliação dos conhecimentos necessários para o desenvolvimento das oficinas.

A experiência. A partir do momento, que temos essa experiência com educação, é diferente, é usar a práxis que Paulo Freire diz teoria e prática. Eu saí do mundo da teoria da universidade que é a parte acadêmica, e começo a ver a realidade e os problemas que ela me impõe, a partir disso já levo outra experiência e agrego na leitura dos materiais. Como pedagogo me proporciona eu conseguir interdisciplinar outras disciplinas. (Entrevistado João Xavier)

Em concordância com outras respostas acima a experiência realmente é uma das mais citadas quando perguntamos sobre o que é mais importante para a vida profissional, uma vez que o mercado de trabalho exige experiência à maioria dos cargos.

Essa experiência faz com que o Participante João Xavier pense mais sobre o que estamos desenvolvendo e como estamos fazendo as oficinas. A sua resposta mostra que ele não é impermeável em seu discurso, quando fala que começa ver a realidade e os problemas que ela impõe, ele está simultaneamente fazendo uma reflexão de sua prática, agregando a outras experiências como o mesmo diz. Freire (1996) fala que o pedagogo tem que ser coerente e pra ser coerente é preciso ter experiência e aprender com essas experiências. Essa ação passa a ser transformadora na realidade do Participante João Xavier, pois ele está despertando a consciência no seu processo de ativo da prática.

O domínio que a gente vai começando a ter para que a gente está apresentando, não só pensando no âmbito escolar, mas, se um dia a gente for se apresentar perante outras pessoas, eu acho que isso já perdi boa parte da inibição, porque, como eu tenho que falar com o público, e falar com outras pessoas, passar um conteúdo. Então eu acho que isso vai ser importante se eu precisar falar com outras pessoas também fizer alguma palestra. (Entrevistada Tatiana Santos)

Pela extensão universitária os participantes conseguem conhecer melhor as necessidades da comunidade e só assim é que poderão produzir conhecimentos científicos voltados para todos. Nesse caso a extensão aparece como um elo entre esses dois campos: universidade e comunidade. Para Freire (1983), conhecer é tarefa dos sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem realmente pode conhecer. Assim, eles estarão sendo sujeitos no Projeto, pois permanecerão vivenciando situações que estão no cotidiano profissional e que, futuramente, farão parte do seu dia a dia.

Outro ponto importante que a Participante Tatiana Santos aponta, é a apresentação em público, uma vez que estão estudando para serem professores de Geografia, mesmo alguns

dos Participantes cursando o bacharelado e um cursando Pedagogia, mas a apresentação em público é forte nas duas áreas de atuação. A publicação (Anexo IV) faz parte da extensão e durante o período do Programa o bolsista tem que apresentar um relatório parcial e final no evento, Encontro de Extensão (ENEX) e deve produzir artigos relacionados às ações e produtos que foram realizados durante o Programa. De acordo com o FORPROEX (2007) as publicações e produtos acadêmicos gerados na extensão ajudam na difusão e compartilhamento cultural, científico ou tecnológico, mas, nos alerta que essas publicações e produtos são resultados das ações do Programa, portanto temos também que participar e realizar ações que não estão ligadas apenas ao Projeto de extensão, para uma melhor formação em professor e para sua construção de saberes. (Anexo V) e Anexo (VI).

O Participante de projetos de extensão no sentido da formação prática, para Cunha.

O universitário para enfrentar os problemas que estão presentes no cotidiano, na sociedade e que só são visualizados na prática, ou seja, depois da teoria da sala de aula o universitário se depara com o aprendizado prático. É no decorrer desse processo que o estudante articula o conhecimento teórico no viver de seu cotidiano seja na comunidade local ou na sociedade num todo; Ele passa a conhecer novos ângulos da realidade; (CUNHA, p. 23, 2011).

Assim, conseguimos um diálogo eficaz entre universidade e comunidade, dando a chance do universitário que participa de programas de extensão ter uma melhor qualificação acadêmica, pois, é uma relação entre teoria e prática.

A universidade sai das suas instalações formais ou do seu campus para ir ao encontro de seu meio circulante, amplia sua área de penetração, aumenta sua clientela, envolvendo a comunidade com seus organismos e suas populações. Ela realiza como que um movimento de ida e de volta. Através dessa interação, dá e recebe. Leva ou estende suas atividades de ensino e os resultados de suas pesquisas, oferecendo-as a essa nova clientela e traz, em retorno, subsídios, informações, dados novos e novas motivações ou projetos que irão alimentar seu programa de pesquisa e renovar, dinamizar, relativizar e enriquecer o conteúdo do seu ensino (TOALDO, 1977, p. 74).

Esse momento será muito importante na vida dos participantes da extensão universitária. Ele aprende participando, fazendo e, assim, poderá colocar em prática o que foi visto em sala de aula para o projeto de extensão, além, de descobrir outros temas e realizar outras práticas que normalmente não aconteceria em determinado período do curso.

Segundo Duarte (2014) vivenciar a extensão universitária é muito importante para toda esfera envolvida, porém, muita coisa ainda tem que ser trabalhada no melhoramento do Programa ao dispor-se melhor diante das ações acadêmica e social.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das respostas podemos compreender a importância da extensão universitária na formação profissional de cada Participante do Projeto. Os aspectos práticos junto com os teóricos levam ao contato com as experiências, problemas e dilemas da vida real profissional. O projeto de extensão do LOGEPA poderá enriquecer e ampliar sua área de conhecimento, a partir de práticas e experiências para o momento final da graduação e da vida profissional. Esses Participantes estarão preparados para o momento depois do curso, onde se deparam com uma nova realidade, cheias de desafios.

Assim, a experiência adquirida é uma chance para que o estudante se sinta mais seguro diante de uma turma de alunos, onde o mesmo esteja na condição de professor de Geografia. Portanto Carbonari (2007) evidencia que é preciso que as ações extensionistas mantenham uma articulação entre os setores público, produtivo e o mercado de trabalho, uma vez, que haverá contribuição no processo de aprendizagem do espírito crítico, próprio da formação cidadã desses participantes. Durante a vida profissional como professor de Geografia vão enfrentar vários desafios dentro da sala de aula e no ambiente escolar. Tais desafios poderão fazer com que estudantes e os professores desanimem durante esse caminho. Porém conseguimos acreditar na contribuição maior que o programa extensão exerce na vida desses graduandos.

A extensão Universitária deverá ser utilizada não só como meio para oferecer contribuições para a vida profissional, existe um leque muito grande no que diz respeito às contribuições que esse tipo de ação pode trazer para a universidade e seus estudantes e para a comunidade. De acordo com, Síveres (2013), para que os acadêmicos possam ser capazes de transformar sua realidade é necessário vivencia-la na sua forma mais completa.

Portanto, a extensão universitária se mostrou eficiente no processo de socialização do conhecimento, permitindo a troca de experiências entre os participantes da extensão e a comunidade, através dos vários meios que ela pode exercer. O LOGEPA realmente é um laboratório onde podemos encontrar e desenvolver várias atividades relacionadas à educação geográfica para o ensino de Geografia, um ambiente tão importante para a expressividade da Geografia quanto para a Universidade e para a comunidade não pode ficar de portas fechadas, sem a realização de projeto de extensão, mesmo não sendo específico para a área do ensino. Nas vinte e duas atividades realizadas foram atendidas pessoas de outros municípios do nosso

Estado e de outras regiões do país. Os participantes do projeto de extensão do LOGEPA participaram de eventos onde o nome do Projeto e da Paraíba e da UFPB foram apresentados, agregando ainda mais experiências a esses universitários.

Sem esses programas a situação entre a universidade e a parcela que não está inserida na academia seria inviável. No que diz respeito a melhor formação do professor de Geografia essas ações ajudam a criar uma identidade para esse futuro professor, quebrando algumas barreiras ainda existentes na atualidade.

## REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Leandro Dirceu de.; CALLAI, Helena Copetti. Licenciatura de Geografia e a Articulação com a Educação Básica. **Geografia em Sala de Aula: Práticas e Reflexões**/ org. Antônio Carlos Castotrogiovanni.... [et al.]. – Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros- Seção Porto Alegre, p. 179-185, 1998.

BANDEIRA, Hilda Maria Martins; IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. Prática Educativa: Entre o Essencialismo e a Práxis. **Revista da Faeeba: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 42, p.107-117, Não é um mês valido! 2014.

BARROS, Josias Silvano de. **O Cordel no Contexto de Multidão: Perspectivas Pedagógicas para a Multiplicidade**. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Formação de Professores, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

BRASIL. Decreto nº 477, de 26 de fevereiro de 1969. . v. 77, Seção 1.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Base. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL, Artigo 207 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 sobre o princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Disponível: < [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988\\_18.02.2016/art\\_207\\_.asp\\_\\_\\_\\_\\_](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_18.02.2016/art_207_.asp_____)>. Acesso em 13 dez. 2018.

CABRAL, Celeste Marilur Pupo. **Extensão Universitária e Integração Social**. 2001. 128 f. Monografia (Especialização) - Curso de Pedagogia Empresarial, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2001.

CALLAI, Helena Copetti. Geografia em Sala de Aula: Práticas e Reflexões. In: CASTOTROGIOVANNI, Antônio Carlos.... [et al.]. (Org.). **O Ensino de Geografia: Recortes Espaciais para Análise**. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros- Seção Porto Alegre, 1998. p. 57-63.

CARBONARI, Maria Elisa Ehrhardt. A extensão universitária no Brasil: do assistencialismo à sustentabilidade. *Revista de Educação*. V. 10, n. 10. 2007. Disponível: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/2133/2030>. Acesso em 18 dez. 2018.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a Realidade Escolar Contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais**. Belo Horizonte, novembro de 2010, p. 1-16.

\_\_\_\_\_. Geografia Escolar, Formação e Práticas Docentes: Percursos Trilhados. **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**/ Gislaine Munhoz, Sônia Venzella Castellar (organizadores); Alexander Cely Rodríguez ... [et al.]. – São Paulo : Xamã, p. 89-100, 2012.

\_\_\_\_\_. O trabalho do professor de geografia e tensões entre demandas da formação e do cotidiano escolar. In: **CONHECIMENTO da Geografia: percursos de formação docente e práticas na educação básica**. Belo Horizonte: Igc, 2017. Cap. 5. p. 100-123.

COSTA, Aline Aparecida Cezar; BAIOTTO, Cléia Rosani; GARCES, Solange Beatriz Billig. Aprendizagem: O olhar da extensão. In: SÍVERES, Luiz. **A Extensão Universitária como Princípio de Aprendizagem**. Brasília: Liber Livro, 2013. Cap. 2. p. 61-77.

CUNHA, Alana Michael. **A Extensão Universitária: O Projeto de Extensão, o Serviço Social e o Atendimento Sócio Jurídico no Escritório Modelo de Direito da UNIJUÍ/IJUÍ**. 2011. 96 f. Monografia (Especialização) - Curso de Serviço Social, Departamento Ciências Sociais, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí. Rs, 2011.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante Mito e Realidade**. Brasília: Unb-inep, 1982. 119 p.

DUARTE, Jacinto da Silva. **As contribuições da Extensão Universitária para Processo de Aprendizagem, a Prática da Cidadania e o Exercício Profissional**. 2014. 104 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

FAERMAM, Lindamar Alves. A Pesquisa Participante: suas contribuições no âmbito das ciências sociais. **Revista de Ciências Humanas**, Taubaté-SP, v. 7, n. 1, p.41-56 jan-jun/2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 790p.

FERREIRA, Rita. PRAC divulga edital do Programa de Bolsas de Extensão – Probex. Universidade Federal da Paraíba, 2018. Disponível em: < <http://ufpb.br/content/prac-divulga-edital-do-programa-de-bolsas-de-extens%C3%A3o-probex> >. Acesso em: 15 jan. 2019

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 7 edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. **Extensão Universitária: Organização e Sistematização/ Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**; organização: Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007. 112p.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (Manaus). **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012. 68 p.

GATTI, Bernardete A. **Formação inicial de professores para a educação básica: pesquisas e políticas educacionais**. Est. Aval. Educ. São Paulo. v. 25, p. 24-54, jan/abr.2014

\_\_\_\_\_. A Formação Inicial de Professores Para a Educação Básica: As Licenciaturas. **Revista Usp**, São Paulo, v. 100, p.33-46, dez. 2014.

ITABORAHY, Nathan Zanzoni. . Uma reflexão sobre a pesquisa participante em Geografia: lugares em construção. In: Encontro de Geógrafos de América Latina, 2013, Lima. Anais do XIV EGAL, 2013.

KAISER, Bernard. O Geógrafo e a pesquisa de campo. Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, n. 84, p.93-104, 2006.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. Em Busca de Informações. In: LAVILLE, Christian. **A Construção do Saber: Manual de Metodologia da Pesquisa em Ciências Humanas**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 1999. p. 165-195.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1990. 262 p.

MARTINS, Rosa Elisabete Militz Wypczynski; TONINI, Ivaine Maria. A importância do estágio supervisionado em geografia na construção do saber/fazer docente. **Geografia Ensino & Pesquisa**, [s.l.], v. 20, n. 3, p.98-106, 29 dez. 2016. Universidad Federal de Santa Maria. <http://dx.doi.org/10.5902/2236499421000>.

MELO, José Francisco de. **Extensão Popular**. 2. ed. João Pessoa: Editora Ufpb, 2014. 122 p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Trabalho de Campo: Contexto da Observação, Interação e Descoberta. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Cap. 3. p. 7-109.

OLIVEIRA, Daniel da Silva et al. A metodologia de ensino na área da Geografia física desenvolvida pelo projeto de extensão UFPB, conhecendo a Paraíba. In: ENEX, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2013, João Pessoa. **A Metodologia de Ensino na Área da Geografia Física Desenvolvida pelo Projeto de Extensão UFPB, “Conhecendo a Paraíba”**. João Pessoa: Prac Ufpb, 2013. p. 2 - 6. Disponível em: <<http://www.prac.ufpb.br/enex/trabalhos/4CCENDGEOPROBEX2013272.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2019.

OLIVEIRA, Daniel da Silva; SANTOS, Maria Clyvia Martins; PEREIRA, Michael Douglas Barbosa. PIBID E AS NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO: metodologia de ensino na área de Geografia Física da Paraíba. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 6, n. 12, p.292-300, 2016.

PAULA, João A. de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013.

PAULO, Jacks Richard de. A complexidade da formação de professores de Geografia e relexos na práticas de ensino. In: PAULO, Jacks Richard de (Org.). **A Formação de Professores de Geografia**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. Cap. 1. p. 7-20.



PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente**. Educação e Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido; Anastasiou, Lea das Graças C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2003.

PINHEIRO, Antonio Carlos. Trajetória formativa e prática docente de professores de geografia em João Pessoa (PB). **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 35, n. 1, p.37-51, 10 maio 2015.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Enio Waldir da. Extensão universitária no Rio Grande do Sul: concepções e práticas. Tese de Doutorado - Porto Alegre: UFRGS. 2003.

SILVA, Heven Stuart Neves da et al. Ensino de Geografia e Prática Extensionista: Em Busca da Construção de Metodologias Inovadoras. in: x encontro de extensão universitária UFPB, 10., 2008, João Pessoa. **Anais...** . João Pessoa: Editora Universitária/ufpb, 2008. p. 1 - 11.

SILVA, Heven Stuart Neves da; SILVESTRE, Diego de Oliveira. A produção do conhecimento via extensão no ensino de geografia: o caso projeto conhecendo a paraíba. **Revista Eletrônica Extensão Cidadã**, João Pessoa, v. 8, p.1-14, 2010. Disponível em: <revextensaocidade@prac.ufpb.br>. Acesso em: 13 fev. 2019.

SILVA, Vlândia da; MUNIZ, Alexsandra Maria Vieira. A Geografia Escolar e os Recursos Didáticos: O uso das maquetes no ensino-aprendizagem da Geografia. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 3, n. 5, p.62-68, 21 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/117>>. Acesso em: 01 mar. 2019.

SILVA, Eliane Souza da. **Formação de Professores e o Uso de Geotecnologias no Ensino-aprendizagem de Geografia**. 2016. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geociências, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. O uso de plantas e mapas na escola de 1o Grau: ênfase para as séries iniciais. O Ensino da cidade de São Paulo. 1990.

SÍVERES, Luiz. O princípio da aprendizagem na extensão universitária. **SÍVERES, Luiz. A extensão universitária como um princípio de aprendizagem**. Brasília: Liber Livro. 2013.

TAVARES, Maria das Graças Medeiros. **Extensão universitária: novo paradigma de universidade?**. UFAL, 1997. < <http://www.anped11.uerj.br/19/TAVARES.htm>>. Acesso em 09 jan. 2019.

TOALDO, Olindo Antonio. Extensão Universitária: a dimensão humana da universidade. Santa Maria: UFSM, 1977.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Portaria DGEOC 25/97. Processos de criação do Laboratório e oficina de Geografia da Paraíba (LOGEPA).

## **ANEXOS**

## Anexo I

foi solicitado para o coordenador do LOGEPA e do projeto de extensão a autorização para a pesquisa (Anexo II).

---





**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA**  
**DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS**

### Solicitação de autorização de Pesquisa

Eu, Fabiano Silva da Cunha, estudante do curso de Geografia, matrícula 11511821, venho por meio desta, solicitar autorização do Coordenador do Laboratório para realizar a pesquisa no Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba do Departamento de Geociências do Centro de Ciências Exatas e da Natureza da Universidade Federal da Paraíba, Campus I. Para o trabalho de pesquisa sob o título: "A Extensão no LOGEPA e suas Contribuições na Formação Inicial em Professor de Geografia", com o objetivo de analisar as contribuições do projeto na formação inicial em professor de Geografia para seus participantes. Orientado pelo Professor (a) Antonio Carlos Pinheiro.

Atenciosamente.

  
Assinatura do Pesquisador Principal

  
Assinatura do Coordenador do Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba

## Anexo II



**Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Ciências Exatas e da Natureza  
Departamento de Geociências**

**Modelo da entrevista com os participantes do Projeto do Litoral ao Sertão:  
Sociedade e Natureza na Paraíba – CCEN-UFPB  
Extensão Universitária**

Data da Entrevista:

O questionário foi realizado com quatros universitários participantes do Projeto de Extensão: Do Litoral ao Sertão- Sociedade e Natureza na Paraíba.

- 1 O que te levou a participar desse Projeto de Extensão?
- 2 O que você considera que aprendeu de mais importante na participação no Projeto de Extensão?
- 3 O que o Projeto poderia te ajudar no seu curso ?
- 4 Como o Projeto te ajudará na sua vida como Professor de Geografia ?
- 5 Para você, qual a importância de ter um Projeto de extensão que fala sobre Geografia da Paraíba ?
- 6 Sobre o Laboratório LOGEPA qual a importância dele UFPB para a comunidade?
- 7 Qual as dificuldades que você identificou no projeto e na sua participação?
- 8 Enfim, você gostaria de indicar algum aspecto sobre o processo de aprendizagem por meio de sua participação nesse Projeto de Extensão

Anexo III



**Universidade Federal da Paraíba**  
**Centro de Ciências Exatas e da Natureza**  
**Departamento de Geociências**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a),

O (a) Sr (a). está sendo convidado a participar da pesquisa: A Extensão do LOGEPA e suas Contribuições na Formação em Professor de Geografia, que tem por objetivo Analisar as contribuições através da Extensão Universitária na formação inicial em professor de Geografia.

Essa pesquisa será realizada com os Participantes do Projeto de Extensão: Do Litoral ao Sertão- Sociedade e Natureza na Paraíba, 2018, no Laboratório e Oficina de Geografia da Paraíba (LOGEPA). Não participarão da pesquisa pessoas com participação após esse período de 2018.

Sua participação no estudo consistirá em responder uma entrevista semiestruturada sobre Extensão Universitária, às contribuições no campo formação de professores de Geografia e a importância do LOGEPA que estará sendo gravada com uma filmadora, sem tempo determinado.

Os riscos com essa pesquisa são mínimos, sendo que o (a) Sr. (a) poderá ficar à vontade quando não quiser responder determinada pergunta, tendo a liberdade de não responder ou interromper a entrevista em qualquer momento, sem nenhum prejuízo para seu atendimento. O (A) Sr. (a) tem a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início da entrevista sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações - **os participantes da Pesquisa fizeram questão em ter suas identidades reveladas na pesquisa, alegando nenhum**

**constrangimento ou danos ao pesquisador e pesquisa.** O (A) Sr.(a) não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa o (a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o coordenador responsável pelo estudo: Fabiano Silva da Cunha que pode ser localizado no Universidade Federal da Paraíba (telefone 83-98870-2522) das 8 às 17h ou pelo e-mail [fabiano\\_trajano@hotmail.com](mailto:fabiano_trajano@hotmail.com).

Sua participação é importante e voluntária e vai gerar informações que serão úteis para principais resultados esperados da pesquisa e para divulgação da mesma em forma de Artigos, Seminários ou Trabalhos apresentados em Eventos. Este termo será assinado em duas vias, pelo senhor e pelo responsável pela pesquisa, ficando uma via em seu poder.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: A Extensão do LOGEPA e suas Contribuições na Formação em Professor de Geografia. Discuti com o pesquisador Fabiano Silva da Cunha, responsável pela pesquisa, sobre minha decisão em participar do estudo. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo - **os participantes da Pesquisa fizeram questão em ter suas identidades reveladas na pesquisa, alegando nenhum constrangimento ou danos ao pesquisador e pesquisa-**, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado para a sua participação neste estudo.

\_\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do responsável pelo estudo.

## Anexo IV



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS  
<http://www.prac.ufpb.br>    [extensao@prac.ufpb.br](mailto:extensao@prac.ufpb.br)  
(83) 3216-7990 - Fax: (83) 3216-7111



### CERTIFICADO

Certificamos que, FABIANO SILVA DA CUNHA, CPF 073.654.684-75, participou da Atividade de Extensão III ENCONTRO DE EXTENSÃO DO CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS DA NATUREZA: DIALOGANDO AS AÇÕES METODOLÓGICAS DOS PROJETOS PROBEX 2018., com carga horária de 16 hora(s), coordenada pelo(a) Servidor(a) JANE ENISA RIBEIRO TORELLI DE SOUZA, promovida pelo(a) CCEN - DEPARTAMENTO DE SISTEMÁTICA E ECOLOGIA, na função de PARTICIPANTE, com frequência 100%. A atividade foi realizada no período de 27 de Abril de 2018 a 19 de Julho de 2018.

João Pessoa, 25 de Julho de 2018

ORLANDO DE CAVALCANTI VILLAR FILHO  
Pró-Reitor

JANE ENISA R. T. DE SOUZA  
Coordenador(a)

Código de verificação: 908d9f0963  
Número do Documento: 47786

Para verificar a autenticidade deste documento acesse <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/documentos>, informando a matrícula, data de emissão do documento e o código de verificação.

## Anexo V



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS  
<http://www.prac.ufpb.br>    [extensao@prac.ufpb.br](mailto:extensao@prac.ufpb.br)  
(83) 3216-7990 - Fax: (83) 3216-7111



### CERTIFICADO

Certificamos que, FABIANO SILVA DA CUNHA, CPF 073.654.684-75, participou da Mini Atividade de Extensão WORKSHOP - SUSTENTABILIDADE E ECOTURISMO: TRILHAS DA MATA ATLÂNTICA NO CAMPUS I DA UFPB, com carga horária de 4 hora(s), coordenada pelo(a) Professor(a) ALINE GISELE AZEVEDO LIMA DE BARROS e que pertence a Atividade de Extensão TURISMO EM FESTA: OS 20 ANOS DO CURSO DE TURISMO DA UFPB, promovida pelo(a) CCTA - DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA, na função de PARTICIPANTE, com frequência 100%. A atividade foi realizada no período de 14 de Setembro de 2018 a 14 de Setembro de 2018.

João Pessoa, 18 de Setembro de 2018

ORLANDO DE CAVALCANTI VILLAR FILHO  
Pró-Reitor

ALINE GISELE A. L. DE BARROS  
Coordenador(a)

Código de verificação: 4b92a47e49  
Número do Documento: 63048

Para verificar a autenticidade deste documento acesse <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/documentos>, informando a matrícula, data de emissão do documento e o código de verificação.



## Anexo VI



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E ASSUNTOS COMUNITÁRIOS  
<http://www.prac.ufpb.br>    [extensao@prac.ufpb.br](mailto:extensao@prac.ufpb.br)  
(83) 3216-7990 - Fax: (83) 3216-7111



### CERTIFICADO

Certificamos que, RITA DE CASSIA SANTOS DE LIRA, CPF 114.206.614-26, participou da Mini Atividade de Extensão WORKSHOP - SUSTENTABILIDADE E ECOTURISMO: TRILHAS DA MATA ATLÂNTICA NO CAMPUS I DA UFPB, com carga horária de 4 hora(s), coordenada pelo(a) Professor(a) ALINE GISELE AZEVEDO LIMA DE BARROS e que pertence a Atividade de Extensão TURISMO EM FESTA: OS 20 ANOS DO CURSO DE TURISMO DA UFPB, promovida pelo(a) CCTA - DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA, na função de PARTICIPANTE, com frequência 100%. A atividade foi realizada no período de 14 de Setembro de 2018 a 14 de Setembro de 2018.

João Pessoa, 25 de Março de 2019

**ORLANDO DE CAVALCANTI VILLAR FILHO**  
Pró-Reitor

**ALINE GISELE A. L. DE BARROS**  
Coordenador(a)

Código de verificação: 5eca659127  
Número do Documento: 115232

Para verificar a autenticidade deste documento acesse <https://sigaa.ufpb.br/sigaa/documentos>, informando a matrícula, data de emissão do documento e o código de verificação.